

MARIA DE FÁTIMA XAVIER DA SILVA



A Auto-Estima no CAT-A e H.T.P. Estudo de
Evidência de Validade

ITATIBA
2005

MARIA DE FÁTIMA XAVIER DA SILVA

A Auto-Estima no CAT-A e H.T.P. Estudo de
Evidência de Validade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação Stricto Sensu em Psicologia da
Universidade São Francisco para obtenção do
título de Mestre.

ORIENTADOR(A): ANNA ELISA DE VILLEMOR AMARAL

ITATIBA
2005

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA
MESTRADO

A Auto-Estima no CAT-A e H.T.P. Estudo de
Evidência de Validade

Autor(a): Maria de Fátima Xavier da Silva

Orientador(a): Anna Elisa de Villemor Amaral

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação de mestrado defendida por Maria de Fátima Xavier da Silva e aprovada pela comissão examinadora.

Data: ____ / ____ / ____

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Anna Elisa de Villemor Amaral (Orientadora)

Profa. Dra. Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo

Prof. Dr. Ricardo Primi

ITATIBA
2005

Dedico este trabalho àqueles que tanto amo, meus pais, José e Maria, meus primeiros mestres que me ensinaram o valor da vida.

Àquele que é meu amor, meu companheiro, com quem aprendi a compartilhar os bons e maus momentos, meu apoiador incondicional - Hércio. Ao meu querido filho Rodrigo, meu estímulo, com quem aprendo a ver o sol nascer em cada momento, em cada sorriso; agradeço os abraços e beijos. Eu o amo.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora Dra. Anna Elisa de Villemor Amaral, a quem aprendi admirar e muito tem contribuído em meu crescimento, sempre generosa e tranqüila, me guiou com sabedoria e competência para a concretização deste trabalho.

Ao responsável pela escola que viabilizou a pesquisa, às professoras que propiciaram o contato com as crianças e a disponibilidade destas em participarem.

Às psicólogas, Daniela Guedes e Francine Mello, que fizeram as análises do CAT.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, especialmente, aos professores doutores, Fermino Fernandes Sisto, Acácia Aparecida Angeli dos Santos, Ana Paula Porto Noronha, Maria Cristina de Azevedo Joly e Makilim Baptista, que acreditaram nesta pesquisa e contribuíram com sugestões inestimáveis.

Ao Professor Dr. Ricardo Primi e a colega Monalisa, que generosamente orientaram o tratamento estatístico desta pesquisa.

Aos meus colegas de programa, em especial a Rossana, pela amizade, apoio, sugestões preciosas e ajuda nos momentos mais difíceis; a Adriana, pela atenção e disponibilidade em ajudar; ao Ruy, que contribuiu com textos, dicas, compartilhou angústias e conquistas desta caminhada.

Aos funcionários da USF, principalmente a secretária do mestrado, Roseli Polecci, que sempre me atendeu com carinho e competência.

À Professora Dra. Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo, pelas importantes contribuições trazidas tanto na Banca de Qualificação, quanto na de Defesa deste trabalho.

À amiga Renata que prontamente me ajudou a coletar os dados.

Às amigas, Karina, Sílvia, Maria Elisa, que facilitaram a minha dedicação a essa pesquisa, cuidando do meu filho.

Às amigas, Hosana Souza e Vanda Rabelo, que nem a distância impediu a disponibilidade em ajudar, o acompanhar com carinho desta trajetória.

Aos meus irmãos, que incentivaram meu crescimento pessoal e profissional, especialmente Ana Paula, pelo apoio nos momentos difíceis e Edna, pelo abstract.

Finalmente agradeço a todos os amigos e familiares, em especial, aos meus sogros, Adolpho e Dalva, que entre outras coisas, me ensinaram que aprender com os erros nos torna melhores e que a vida é um aprendizado constante.

RESUMO

Silva, M.F.X (2005). *A Auto-Estima no CAT-A e HTP: Estudo de Evidência de Validade*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, Itatiba – SP, 119p.

Constatando a necessidade de revisão dos instrumentos psicológicos e com intuito de contribuir para o aprimoramento dos mesmos, essa pesquisa teve por objetivo fazer um estudo de evidência de validade concorrente entre as categorias de indicadores de auto-estima das técnicas projetivas CAT- A e H.T.P, correlacionando-os com o instrumento de auto-relato, EMAE – Forma A. Ao lado disso, buscou ainda fazer um estudo de precisão entre avaliadores com o propósito de dar maior confiabilidade aos resultados obtidos no CAT-A. Participaram desse estudo 32 crianças, entre 7 e 10 anos, de ambos os sexos, freqüentando de 2^a. a 4^a. série do ensino fundamental de uma escola da rede pública da cidade do interior do Estado de São Paulo. A coleta de dados do CAT ocorreu individualmente enquanto que do EMAE e HTP em duplas, em duas sessões. Os dados demonstraram que as categorias de indicadores destacadas para verificar o nível da auto-estima no CAT-A, apresentaram boa precisão pelo sistema de avaliadores. Do mesmo modo os índices de correlação entre os instrumentos permitiram encontrar evidência de validade para o CAT-A e o HTP.

Palavras-chave: avaliação psicológica; técnicas projetivas; auto-estima; CAT; HTP.

ABSTRACT

Silva, M.F.X (2005). *Self-Esteem in CAT-A it and HTP: Study of Evidence of Validity*. Dissertation (Master Degree), Stricto Sensu Post-Graduation Program in Psychology, São Francisco University, Itatiba – SP, 119p.

The necessity of revision of psychological instruments and the intention of contributing to their improvement are in the origin of this research which has the aim of making an evidence study of validity between the categories of self-esteem pointers of the projective techniques Children's Apperception Test (CAT-A) and The House-Tree-Person Technique (HTP) correlating then with the instrument Multidimensional Self-Esteem Scale (EMAE–A). In addition, it has also tried to make an accuracy study between the evaluators with the purpose of giving a greater reliability to the results obtained in the CAT–A. The sample was composed by 32 children, between the ages of 7 and 10, of both sexes and attending a public elementary school of the countryside of the State of São Paulo. The collection of data for the CAT occurred individually, while the ones for the EMAE and HTP in pairs and in two sessions. The data demonstrate that the categories of pointers used to verify the self-esteem level, in the CAT – A, presented good accuracy by the evaluators system. In a similar way, the indices correlations between instruments allowed the finding of evidence validity for the CAT–A and the HTP.

Keywords: psychological assessment; projective techniques; self-esteem, CAT; HTP.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	x
LISTA DE TABELAS	xi
LISTA DE ANEXOS	xii
APRESENTAÇÃO	01
INTRODUÇÃO	04
CAPÍTULO I - OS TESTES PROJETIVOS NO CONTEXTO DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA	04
1.1- Projeção e apercepção.....	08
1.2- O Teste de Apercepção Temática Infantil com Figuras de Animais – CAT-A.....	11
1.3 – Estudos e Pesquisas com o CAT.....	17
1.4 - Desenho da Casa-Árvore-Pessoa (House-Tree-Person – H.T.P, Buck, 2003).....	24
1.5 - Estudos com o H.T.P. no Brasil.....	28
CAPÍTULO II - A AUTO-ESTIMA NUMA PERSPECTIVA PSICOLÓGICA	32
2.1- Estudos no Brasil envolvendo auto-estima e testes projetivos.....	37
CAPÍTULO III – MÉTODO	42
3.1 – Participantes.....	42
3.2 – Instrumentos.....	42
3.3 – Procedimento	48
IV –RESULTADOS	52
V – DISCUSSÃO	68
VI – CONSIDERAÇÕES GERAIS	78

	x
VII-REFERÊNCIAS.....	82
VIII- ANEXOS.....	90

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – HTP Resultado da Pontuação do Nível de Auto-Estima.....	53
Figura 2 – Frequência das Pontuações dos sujeitos no EMAE-A	54

LISTA DE TABELAS

<i>Tabela 1</i> – Frequência da Concordância na Pontuação dos Indicadores de Auto-Estima do CAT-A entre os Avaliadores A e B.....	52
<i>Tabela 2</i> – Coeficientes de Correlação de Pearson entre o juiz A e o Juiz B em Indicadores de Auto-Estima Elevada do CAT-A.....	56
<i>Tabela 3</i> – Coeficientes de Correlação de Pearson entre o Juiz A e o Juiz B em Indicadores de Auto-Estima Rebaixada no CAT-A.....	58
<i>Tabela 4</i> – Coeficientes de Correlação de Pearson entre o Escore Total dos Avaliadores A e B em Indicadores de Auto-Estima Elevada no CAT-A.....	60
<i>Tabela 5</i> – Coeficiente de Correlação de Pearson entre o Escore Total dos Avaliadores A e B em Indicadores de Auto-Estima Rebaixada no CAT-A	61
<i>Tabela 6</i> – Coeficiente de Correlação de Pearson entre as Variáveis de Auto-Estima do CAT-A e o Resultado de Auto-Estima do HTP.....	62
<i>Tabela 7</i> – Coeficiente de Correlação de Pearson entre o Escore Total dos Avaliadores A e B no CAT-A e o Escore Total do HTP.....	63
<i>Tabela 8</i> – Coeficiente de Correlação de Pearson entre os Indicadores de Auto-Estima do CAT-A e o Escore Total EMAE-A.....	64
<i>Tabela 9</i> – Análise de Variância ANOVA para Verificar as Diferenças de Médias entre os Grupos 0, 1, 2 de pontuação do CAT e o Escore Total do EMAE	65
<i>Tabela 10</i> – Coeficiente de Correlação de Pearson entre o Resultado de Auto-Estima do CAT-A e a EMAE-A.....	66
<i>Tabela 11</i> – Coeficiente de Correlação de Pearson entre o Resultado de Auto-Estima no HTP e EMAE-A.....	67

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 – Folha de Rosto com Instruções de Aplicação do EMAE-A.....	90
Anexo 2 – Folha de Avaliação do CAT-A.....	91
Anexo 3 – Categorias de Indicadores de Auto-Estima no CAT-A.....	99
Anexo 4 – Folha de Avaliação do HTP.....	100
Anexo 5 – Categorias de Indicadores de Auto-Estima no HTP.....	103
Anexo 6 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	104
Anexo 7 - Termo de Aprovação da Pesquisa pelo Comitê de Ética da Instituição.....	106

APRESENTAÇÃO

O universo das técnicas projetivas é complexo e diversificado. Dentro da variedade de instrumentos, encontram-se os testes de apercepção temática e gráficos que são amplamente utilizados nos mais variados contextos, com o objetivo de compreender aspectos da personalidade encobertos, latentes ou inconscientes. Isto é possível a partir da análise da maneira como o indivíduo percebe e interpreta o material do teste, ou produz uma determinada tarefa, pois esta reflete aspectos fundamentais de seu funcionamento psicológico.

Em função da importância dessas técnicas como método de investigação da personalidade, e de sua ampla utilização, Herzberg, Erdman e Becker (1995) fizeram um levantamento dos instrumentos projetivos mais usados pelos psicólogos do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, constatando que o TAT é utilizado por 92% dos profissionais, o CAT 83%, o DFH de Machover 67%, o Desenho Colorido da Família de Maggi 67%, o Rorschach 63%, o H.T.P 58% e o Desenho Livre 54%. Dez anos depois Herzberg e Mattar (2005) fizeram um levantamento dos procedimentos clínicos utilizados pelos psicólogos do mesmo departamento, com o objetivo de comparar os dados com os da pesquisa supracitada e ainda desencadear uma reflexão sobre os possíveis efeitos da avaliação psicológica. Constataram que o TAT se manteve na liderança das preferências, sua utilização passou de 92% para 73% ; já o CAT-A caiu de 83% para 58%. Enquanto algumas técnicas mantiveram-se praticamente os mesmos índices de utilização, a saber: DFH de Machover é utilizado por 69%; o Rorschach por 65% e o Desenho Livre por 58%. Quanto à queda na utilização do CAT-A, de acordo com as autoras, tal fato, pode estar relacionado com o parecer desfavorável do CFP por

considerar que não há estudos recentes que comprovem a sua validade. Constataram ainda, que apesar do parecer desfavorável, o CAT-A é uma técnica valorizada pelos participantes, pois em seus relatos demonstraram preferência por técnicas que permitem a livre expressão do sujeito. Nesse sentido, o CAT-A foi destacado como foco dessa pesquisa, principalmente pela necessidade de estudos na população brasileira que comprovem a sua validade.

De acordo com Anatasi e Urbina (2000), a carência de dados normativos e estudos que evidenciam a validade pode ser uma limitação nas técnicas projetivas. Esse estudo tem como finalidade contribuir com indicadores de validade que possam evidenciar em que medida o CAT-A atende ao seu objetivo, ou seja, avalia o que se propõe avaliar.

Quanto à validade dos testes projetivos para avaliação da personalidade da criança, algumas dificuldades são encontradas. Uma delas é inerente aos instrumentos infantis que refletem e são influenciados pelo desenvolvimento emocional e cognitivo (Tardivo,1992). Arelado a isso, encontra-se uma grande amplitude de variáveis implicadas na personalidade do sujeito, que se inter relacionam às vezes de modo bastante complexo, o que dificulta a elaboração de indicadores bem definidos e facilmente correlacionáveis com critérios externos. Por essa razão, o presente estudo optou por focar um aspecto específico da personalidade, a auto-estima.

Esse estudo está estruturado em capítulos que nortearão a organização do texto. O primeiro, versa sobre avaliação psicológica, as questões que envolvem sua prática, o problema da validação dos instrumentos psicológicos do ponto de vista clínico e psicométrico, bem como as dificuldades de se realizar estudos de evidências de validade das técnicas projetivas, apontando ainda, a grande utilização desses instrumentos para diversos propósitos. Em seguida aborda os conceitos de projeção e apercepção que são utilizados em psicologia e psicanálise, temas relevantes na fundamentação teórica desse

estudo, uma vez que duas técnicas projetivas são enfocadas, o CAT-A e o HTP. A seguir descreve o CAT, sua utilização, fundamentação teórica, os pressupostos que o sustenta, o significado das pranchas, forma de avaliação e interpretação propostas por dois autores e alguns estudos e pesquisas a respeito do CAT-A que buscaram evidências de validade.

Ainda, no primeiro capítulo, apresenta-se o HTP, desde a fundamentação teórica, a avaliação geral dos desenhos, a descrição das características específicas de cada figura e seu significado, até as estratégias de interpretação. Posteriormente serão apresentadas algumas pesquisas representativas conduzidas com esse instrumento, no Brasil, que foram consideradas pela comissão consultiva para avaliação dos testes psicológicos, constituída pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), como evidências de validade para esse instrumento.

O segundo capítulo traz algumas considerações e definições de auto-estima a partir de vários autores. É importante ressaltar que esse estudo se baseia numa conceituação que relaciona esse construto com o desenvolvimento do mundo interno da criança, englobando os conceitos de auto-imagem e autoconceito. Em seguida apresenta a Escala Multidimensional de Auto-Estima – EMAE, utilizada nessa pesquisa.

O terceiro capítulo traz o delineamento da pesquisa – participantes, instrumentos, as categorias de indicadores de auto-estima no CAT-A e HTP e o procedimento. Finalmente, apresenta-se a descrição dos resultados, a discussão, as considerações finais, as referências e os anexos.

O que justifica essa pesquisa é a necessidade de estudos de evidência de validade para o CAT-A. Para tanto, optou-se por destacar a auto-estima, característica da personalidade a ser verificada nesse instrumento e relacionada com os resultados obtidos no H.T.P. e na Escala Multidimensional de Auto-Estima –EMAE.

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I - OS TESTES PROJETIVOS NO CONTEXTO DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA

A avaliação psicológica é um processo que busca descrever, por meio de várias técnicas psicológicas - entrevistas, observação clínica e informações disponíveis sobre a história do indivíduo - a melhor compreensão possível do universo psíquico de uma pessoa ou de um grupo (Ocampo & Arzeno, 1987). É necessário considerar que as informações são obtidas no contexto relacional entre cliente e psicólogo, sendo, portanto, sensíveis às influências desse contexto. Além disso, o indivíduo “se modifica no tempo em função de sua experiência, de seus relacionamentos significativos, do contexto no qual está inserido” (Tavares, 2003, p. 127). Com isso, é importante refletir que o psicodiagnóstico, resultante do processo de avaliação psicológica, não pode ser considerado como definitivo, uma vez que está sujeito a modificações no tempo em função de múltiplos fatores, inclusive as possíveis limitações das técnicas empregadas.

Os problemas e controvérsias mais frequentes recaem na discussão dessas limitações, salientando-se alguns fatores tais como a precisão, a validade dos instrumentos e a formação dos psicólogos na área de avaliação. Diante disso, os Conselhos Regionais e Federal de Psicologia promovem debates a fim de dar melhor direcionamento a respeito dessas questões e publica a partir desse movimento a Resolução no. 25/2001 que regulamenta a elaboração, a comercialização e o uso dos testes psicológicos. Nesse documento ficam estabelecidos os requisitos mínimos que os testes devem ter para serem

considerados instrumentos psicológicos válidos, definindo-se que a não observância desses critérios será considerado falta ética. Em perspectivas internacionais, a *International Test Commission* (ITC,2001) estabeleceu diretrizes gerais para o uso, revisão e construção de testes (Vendramini & Noronha, 2002).

No entanto estudos revelam que a qualidade dos instrumentos utilizados no Brasil, como recursos de avaliação psicológica, nem sempre atende as expectativas (Sisto, Codenatti, Costa & Nascimento, 1979; Noronha, Sartori, Andrade & Ottati, 2001). Ao lado disso, diversos autores indicam a necessidade de se aperfeiçoar a construção, a revisão e a padronização dos testes utilizados na avaliação psicológica (ITC, 2001, Wechsler, 1999, Wechsler, 2001, citados por Vendramini & Noronha, 2002).

A maioria dos testes projetivos vem recebendo críticas pela ausência de estudos que comprovem sua validade e precisão, sobretudo por parte de pesquisadores que defendem estudos de padronização generalizável das respostas, ou seja, numa perspectiva nomotética - referentes ao grupo. Porém, de acordo com Tavares (2003) “a lógica das conclusões nomotéticas está fundamentada no conceito de traço, ou o pressuposto de que uma mesma característica leva sujeitos diferentes a responderem de modo semelhante a um dado procedimento” (p.14). No entanto a experiência clínica tem demonstrado que, em um número significativo de casos, os procedimentos nomoteticamente válidos não se aplicam sempre ao indivíduo, ou seja, falham idiograficamente. Nesse sentido a validade clínica, que se fundamenta na abordagem idiográfica - comparações intra-sujeito – oferece uma variedade muito mais ampla de informações, que diferem de indivíduo para indivíduo. Embora, em princípio, essas posições parecem se opor quanto à abordagem do problema estudado, elas podem ser aplicadas conjuntamente ao mesmo instrumento. De acordo com o autor supracitado e Güntert (2001) a integração de ambas possibilita alcançar as duas formas de trabalhar com os dados: uma quantitativa baseada em procedimentos

psicométricos e a outra qualitativa caracterizada pelo aspecto integrativo, compreensivo, dinâmico e interpretativo.

Em relação às técnicas projetivas, Anatasi e Urbina (2000) pontuam que essas apresentam uma discrepância entre a pesquisa e a prática, pois quando são avaliadas na perspectiva psicométrica apresentam um resultado fraco. Entretanto a sua aplicação clínica não se reduziu por esse aspecto, ao contrário, a maioria dos testes projetivos passou a ser considerada, fundamentalmente, como instrumento clínico. Nesse sentido, as autoras consideram que o valor do instrumento clínico é proporcional à habilidade do profissional.

Quanto à validade dessas técnicas, as mesmas autoras verificaram que “a maioria das pesquisas de validação publicadas sobre técnicas projetivas é inconclusiva, em virtude de deficiências de procedimento nos controles experimentais ou nas análises estatísticas, ou ambas” (p. 357). Constataram que a validade de critério, geralmente utilizando grupos contrastantes, tem sido a mais utilizada na validação de técnicas projetivas. No entanto, observaram uma crescente tendência das pesquisas em buscar a validade de construto dos instrumentos projetivos, testando-se hipóteses específicas da fundamentação teórica dos instrumentos que podem ser comprovadas ou refutadas.

A validade de um teste diz respeito à verificação do quanto ele mede realmente aquilo que se propõe medir e quão bem ele o faz. Um teste nunca é totalmente válido, o que existe são estudos de evidência de validade para determinada população, determinados indicadores. De acordo com Anastasi e Urbina (2000), os instrumentos psicológicos podem ter sua validade evidenciada com base em três procedimentos de validação: descrição do conteúdo, predição do critério e identificação do construto.

Os procedimentos de validação de predição do critério indicam a efetividade de um teste em predizer o desempenho de um indivíduo em atividades especificadas. Nesse tipo

de validade há uma medida de algo externo ao teste, verificando-se o resultado da relação dessa variável com o teste. Isso pode ser feito por meio de testes medindo o mesmo construto, construtos relacionados ou construtos diferentes avaliados ao mesmo tempo – concorrente - ou com um intervalo de tempo no qual houve uma intervenção - preditiva.

Quanto aos aspectos de normas e validade dessas técnicas, Bellak e Bellak (1949 / 1991) afirmam que “desde que se aceite a hipótese básica do fenômeno da projeção, ou apercepção, o caso individual pode se auto-sustentar” (p.25). No entanto, acreditam que normas são essenciais para os testes projetivos, pois possibilitam estabelecer padrões de avaliação que orientem a interpretação dos resultados. Para tanto é imprescindível conhecer os conceitos que fundamentam esses instrumentos, os quais serão enfocados em seguida.

1.1 – *Projeção e Apercepção*

É relevante para esse estudo, trazer a definição de dois conceitos que fundamentam as técnicas projetivas, o conceito de *Projeção* e o conceito de *Apercepção*. O primeiro foi utilizado por Freud em 1895 ao estudar a *Histeria*, entendendo como o deslocamento da culpa na obsessão, negação da realidade e projeção do ódio no outro. Já em 1911, na análise do caso Schereber, o termo projeção aparece relacionado à patologia, como característico da paranóia. Nesse contexto, a projeção é usada como um mecanismo de defesa que expulsa um desejo intolerável à consciência, sendo, portanto, um processo inconsciente. Mais tarde, em 1913, em *Totem e Tabu*, Freud amplia esse conceito, constatando que o indivíduo atribui à realidade externa desejos e emoções não aceitos por ele como seus, dos quais é parcialmente inconsciente.

Freud (1969), portanto, usou o construto projeção como uma ação psíquica defensiva. Entretanto, quando a expressão “métodos projetivos para o estudo da personalidade”, foi introduzida por Frank em 1939 (citado por Anzieu, 1981), em artigo publicado no *Journal of Psychology*, o conceito de projeção já vinha associado a uma concepção inovadora e bastante ampliada. Esse autor usou o termo “métodos projetivos” para explicar as semelhanças entre três técnicas de avaliação da personalidade, o teste de associação de palavras de Jung (1904), teste de manchas de tinta de Rorschach (1920) e o Teste de Apercepção Temática – TAT de Murray (1935), demonstrando que a semelhança entre elas residia no fato de que aí estava em jogo uma projeção - exteriorização de aspectos da personalidade não perceptíveis de outro modo, retirando-se do termo o caráter meramente defensivo desse fenômeno. Ocorre que essas técnicas não seguiam a metodologia psicométrica utilizada pela maioria dos testes da época, baseando-se na

abordagem clínica, sua credibilidade vinculava-se exclusivamente à teoria que lhes deu origem (Kolck, 1975).

As técnicas projetivas têm como objetivo investigar a dinâmica e estrutura da personalidade, caracterizando-se pela apresentação de material ambíguo e indefinido que permita ao sujeito, ao dar a resposta, projetar seus conteúdos internos. Essas técnicas, de acordo com Anzieu (1981), são divididas em duas categorias, os testes projetivos temáticos, cujo modelo são os testes de apercepção temática, que revelam os conteúdos significativos da personalidade, bem como a natureza dos conflitos, desejos, relações com o ambiente, mecanismos de defesa, enfim revelam a dinâmica da personalidade. E os testes projetivos estruturais como o Rorschach que tem o papel de revelar a estrutura da personalidade, ou seja, o seu equilíbrio, a maneira como o indivíduo apreende o mundo. Esta distinção é, de certa forma, pouco precisa, na medida em que na prática, tanto nos testes projetivos temáticos quanto nos estruturais, a interpretação do conteúdo e a forma das respostas revelam a dinâmica e estrutura da personalidade (Tardivo, 1992).

Outro conceito importante para a compreensão das técnicas projetivas é o de apercepção. Foi adotado por Bellak em 1950 (citado por Anzieu, 1981), indicando o “processo pelo qual a experiência nova é assimilada e transformada pelo traço da experiência passada de cada um, de modo a formar um todo novo” (p.265), portanto a apercepção é uma interpretação e como tal dá sentido à experiência. Kagan (1966) esclarece que esse termo se refere à integração de uma percepção nova com a experiência passada e com o estado psicológico atual do indivíduo. Para esse autor, técnica de apercepção temática compreende uma noção ampliada de apercepção que pode ser entendida como qualquer tarefa que exija interpretação de pranchas ou cenas por meio de um relato. Nesse sentido, Murray (1973) afirma que toda resposta dada ao teste evidenciaria uma interpretação pessoal, havendo uma identificação por parte do sujeito com

o personagem principal da história, devendo o conteúdo manifesto ser analisado buscando-se seus aspectos latentes, isto é, as determinações e motivações inconscientes deflagradas ao se dar à resposta, sendo essa a função da interpretação.

Assim, quando se pede ao sujeito para compor um relato a partir de um estímulo, considera-se que sejam necessárias as participações dos processos - primário (ego-prazer) e secundário (ego-realidade). O primeiro é caracterizado pela necessidade de descarga e satisfação imediata dos desejos e dessa forma, as associações promovidas remetem o sujeito às suas necessidades internas, fantasias e desejos. O processo secundário tem a função de moderador do processo primário, obedecendo ao princípio de realidade, da lógica e da coerência (Shentoub, 1990).

Sendo assim, a resposta ao teste projetivo é elaborada e verbalizada por meio do ego, que deve ser capaz de rebaixar a tensão provocada pelo estímulo, identificar-se com o personagem principal e encontrar uma solução satisfatória para os conflitos que emergem em cada tema, dando uma resposta coerente ao estímulo. Quanto maior a integração do ego, mais recursos o indivíduo dispõe para elaborar a resposta de forma adaptada, quanto menor essa integração, menos adaptado se encontra o sujeito e maior será o grau de distorção aperceptiva do estímulo (Tardivo, 1992).

Cabe ainda ressaltar que a percepção é função do campo de estimulação de fatores externos, sendo assim, quanto menos estruturado for o campo perceptivo, maior a possibilidade de o indivíduo exteriorizar conteúdos de seu mundo interno sobre o material apresentado (Anzieu, 1981). Enquadram-se nessas características as figuras do CAT. Em razão da sua importância e sendo objeto desse estudo, a seguir, serão feitas considerações a respeito do surgimento, fundamentos e formas de avaliações, interpretações e estudos encontrados na literatura.

1.2. O Teste de Apercepção Infantil com Figuras de Animais – CAT-A

Faz parte do grupo das técnicas temáticas que tem por objetivo eliciar processos projetivos sob a forma de histórias. É um descendente direto do Teste de Apercepção Temática-TAT, de Henry Murray, considerado um excelente instrumento projetivo para avaliação de adultos, mas que não atendia, satisfatoriamente, as necessidades com crianças pequenas, dada as características dos estímulos – figuras com situações mais pertinentes ao mundo adulto. A partir de suas experiências com crianças, o CAT-A foi criado por Leopold Bellak e Sonya Sorel Bellak em 1949, ao constatarem que é mais fácil para crianças pequenas identificarem-se com animais do que com pessoas (Bellak & Bellak, 1949 / 1991). Em 1965 foi publicada uma forma humana (CAT-H), na qual as figuras de animais são substituídas por pessoas e, posteriormente, em 1952 foi lançado um suplemento do CAT, o CAT-S composto por figuras de animais em situações diferentes do primeiro.

Enquanto estímulo, as figuras de animais apresentam uma natureza mais ambígua em relação à idade, sexo e a cultura, o que representa uma vantagem em comparação a outras técnicas similares, partindo do pressuposto que as imagens de animais evocam a fantasia com mais facilidade, fato que pode ser observado nas fábulas, nos contos de fadas e no papel que têm os animais nos jogos infantis, nos desenhos animados da televisão e histórias em quadrinhos, ou seja, os animais têm um importante papel nas fantasias e nas angústias infantis (Bellak & Hurvich, 1965).

O referencial teórico que fundamenta essa técnica é o psicanalítico e o seu objetivo é estudar a dinâmica das relações interpessoais, a natureza e a força dos impulsos e tendências assim como as defesas organizadas contra eles. As situações escolhidas para compor cada prancha referem-se a aspectos importantes do desenvolvimento da criança,

como as fases oral, anal, fálica, complexo edipiano, reações diante da cena primária, etc (Kolck, 1975, Tardivo, 1992). Esses aspectos serão explicados na descrição das pranchas que compõem o teste, baseado no manual de Bellak e Bellak, (1991) e Hirsch (1987).

A primeira prancha traz três pintinhos sentados ao redor de uma mesa com uma grande tigela de comida e atrás a figura vagamente esboçada de uma galinha ou galo. Explora os problemas da fase oral, ou seja, o quanto a criança se sente suficientemente alimentada por um ou outro pai, a comida podendo ser vista como recompensa, ou sua ausência como castigo e ainda podendo surgir temas de competição entre os irmãos.

A prancha dois traz a figura de um urso puxando uma corda de um lado, enquanto outro urso e um filhote puxam do outro lado, podendo ser percebida como luta, temor à agressão ou, de uma forma mais branda, um jogo - cabo de guerra. Pode evocar a cooperação com um dos ursos, a rivalidade, a angústia de castração, medo do triunfo e assim por diante.

A próxima prancha contém a figura de um leão com cachimbo e bengala sentado em uma cadeira, no canto aparecendo um ratinho num buraco. Geralmente o leão é visto como a figura paterna e a bengala, às vezes, é usada para torná-lo velho - a quem não se precisa temer - como defesa. Se o leão for percebido como figura paterna forte, é importante observar se é bom ou mau. A maioria das crianças se identifica com o ratinho, mas pode acontecer de se identificarem com o leão, ou ainda alternam essa identificação, o que pode indicar conflito entre submissão e autonomia.

Já a prancha quatro tem como estímulo a imagem de um canguru fêmea com chapéu, carregando uma cesta com uma garrafa de leite, acompanhada por um filhote de bicicleta e levando um bebê na bolsa. Surgem em geral temas de rivalidade fraterna e preocupações relativas ao nascimento de outros filhos. É importante observar se a criança se coloca de

forma regressiva ou manifesta desejo de crescimento e autonomia. Pode ainda surgir temas relacionados à relação materna e paterna.

A prancha cinco mostra um quarto na penumbra com uma cama de casal ao fundo e dois ursinhos num berço. Favorece histórias referentes à cena primária, ou seja, à observação mais ou menos fantasiada das relações sexuais entre os pais. As duas crianças no berço podem desencadear temas de manipulação e exploração mútua.

Observa-se na prancha seis uma caverna com dois ursos vagamente delineados ao fundo e um menor deitado em primeiro plano. Esta figura favorece novamente histórias relacionadas à cena primária, como na prancha anterior, acrescentando-se o aparecimento de problemas edipianos e situações referentes à masturbação noturna.

Quanto à prancha sete percebe-se a figura de um tigre mostrando dentes e garras saltando em cima de um macaquinho que também está saltando no ar, num ambiente de mata. Este estímulo pode mobilizar o medo da agressão, mostrando como a criança lida com essa situação.

Na prancha seguinte aparece a gravura de dois macacos adultos tomando chá, um terceiro falando com um macaquinho e na parede um quadro de uma macaca mais velha. É possível observar o papel que a criança atribui a si na constelação familiar, sua relação com o mundo dos adultos, aspectos da educação e como são percebidos a mãe e o pai, se permissivos ou punitivos.

A prancha nove mostra um quarto na penumbra visto através de uma porta aberta de um cômodo iluminado. Há um coelhinho sentado numa cama de criança olhando pela porta. Pode revelar medo do escuro, da solidão, do abandono ou curiosidade em relação ao outro quarto, novamente a situação edipiana e de como percebe a relação entre os pais.

Finalmente a prancha dez traz um cachorrinho deitado sobre os joelhos de um cachorro maior, ao lado do banheiro, sendo que ambas as figuras apresentam um mínimo de

expressão. Sugere castigos, revela dados sobre a concepção moral da criança, controle de esfíncter e masturbação, indicando a reação frente às regras sociais e a disciplina.

A análise do CAT fundamenta-se no princípio básico de que as interpretações que o indivíduo faz do estímulo são uma apercepção idiossincrática, ou seja, a pessoa o interpreta à sua maneira, em função de suas necessidades e motivações. Para orientar o profissional nessa interpretação, o manual de Bellak e Bellak (1991) propõem que se analise cada história a partir de 10 categorias principais, apresentadas a seguir.

1) *O Tema Principal* – Nesse item verifica-se o que o sujeito apreende de cada prancha, a história relatada, ou seja, sobre qual ou quais temas gira a história e se há uma inter-relação entre os mesmos.

2) *Herói Principal* – É a figura mais importante ao redor da qual a história foi montada. Partindo do pressuposto que a história contada pela criança é sobre ela mesma, portanto se houver vários personagens num relato é necessário verificar com quem o sujeito mais se identifica. Ainda nessa categoria os autores trazem o sub item auto-imagem que se refere ao conceito que o indivíduo tem de si mesmo, de seu papel social e a imagem do seu corpo.

3) *As Principais Necessidades e Impulsos do Herói* – Incluem-se aqui necessidades de conduta do herói que podem estar relacionados aos da criança, a qualidade dos impulsos, expectativas idealizadas, tais como inteligência e coragem, atribuídas a figuras significativas do seu cotidiano. Os autores apresentam dois sub itens: personagens, objetos ou circunstâncias introduzidos ou omitidos, devem ser interpretados como desejos ou dificuldades dos sujeitos a tais situações.

4) *Concepção do Ambiente* – Considera-se esse conceito uma combinação complexa de autopercepção inconsciente com distorções aperceptivas dos estímulos por imagens de memórias do passado. Aqui é introduzido um sub item: Identificação - é importante observar com qual membro da família a criança se identifica e o sentido dessa identificação.

5) *Figuras Vistas Como...* – É importante observar como a criança percebe as pessoas ao seu redor e como reage a elas.

6) *Os Conflitos Significativos* – É necessário verificar não só a natureza dos conflitos, mas também as defesas que o indivíduo usa para lidar com a ansiedade gerada por tais conflitos.

7) *A Natureza das Ansiedades* – É primordial identificar as principais ansiedades e a fonte delas, ou seja, do que estas decorrem. Segundo os autores do CAT-A as ansiedades mais importantes são aquelas relacionadas à agressão física, punição, a falta de amor ou a perda dele (desaprovação) e ao medo de ser abandonado (solidão e falta de apoio).

8) *As Principais Defesas* – Cabe observar e analisar quais são os recursos que o indivíduo dispõe para defender-se dos impulsos, pois dessa forma é possível avaliar a estrutura e o caráter do sujeito.

9) *Adequação do Superego* – Avalia-se a severidade do superego por meio da relação entre a natureza da transgressão, a indulgência ou severidade. Isto é, sob quais circunstâncias o superego do sujeito é muito rígido e sob quais ele é mais tolerante.

10) *A Integração do Ego* – Este item indica o nível de funcionamento da personalidade, ou seja, a capacidade da criança se acomodar entre impulsos e demandas da realidade de um lado e a direção do seu superego de outro. A adequação do ego e as suas várias funções, tais como controle de impulsos, tolerância à ansiedade, adequação perceptiva, motora comparadas com o que se espera da idade cronológica da criança, o nível intelectual, o emprego da linguagem, conceitos e estrutura da história (p.12-17).

Tardivo (1992) acrescenta ao referencial de análise diversas categorias para cada prancha, entre as quais serão destacadas algumas que são relevantes para esse estudo e que podem ser observadas na maioria dos estímulos. Relação com a figura materna de dependência ou independência - propulsora ou inibidora de crescimento; relação de rivalidade, competição, compreensão, cooperação ou conflito com a figura paterna e fraterna; relação dual, na qual a terceira pessoa é excluída, conflito vivido de forma lúdica ou destrutiva e como se relaciona com outras figuras; a relação com a figura de poder e autoridade, indicando submissão, temor, hostilidade, depreciação ou inveja; reação da criança frente à situação triangular indica regressão, hostilidade, sensação de abandono ou aceitação realista; como lida diante da situação de ataque, demonstra boa organização de defesa ou impossibilidade de lidar denotando desamparo e desproteção; na relação com o meio familiar sente-se incluída, aceita, compreendida ou excluída; e de que forma reage às regras sociais e a disciplina, se opõe ou se aceita.

Em seguida serão apresentados alguns estudos estrangeiros que buscaram evidência de validade e normatização para o CAT. Logo após, em ordem cronológica serão expostas as pesquisas brasileiras encontradas nos últimos quinze anos.

1.3 – Estudos e Pesquisas com o CAT

As afirmações de Bellak e Bellak (1949 / 1991), sobre o CAT, basearam-se numa pesquisa realizada com 200 crianças entre 3 e 10 anos. Utilizaram o método de análises às cegas para interpretar os protocolos. Para confirmar os dados compararam os resultados das análises do protocolo de cada criança com o material obtido a respeito dos antecedentes da mesma com a assistente social. Constataram que as gravuras suscitaram problemas que haviam sido apontados pela profissional e que as respostas dadas às pranchas puderam esclarecer melhor a dinâmica desses problemas. Os autores admitem que publicaram o teste com base numa amostra muito pequena devido à dificuldade de se organizar uma investigação mais ampla, e evidenciam a necessidade de mais estudos que possam contribuir com dados adicionais.

Encontra-se na literatura alguns estudos de normatização e validade do CAT, como por exemplo, o estudo de Byrd e Whitherspoon (1954 citados por Tardivo, 1992) com crianças de idade pré-escolar. Esses autores buscaram verificar a correlação entre a produção dessas crianças e as áreas de conflito indicadas por Bellak e Bellak encontrando, em geral, uma alta correlação.

Com o propósito de fazer um levantamento, Hirsch (1984) descreve vários estudos que objetivaram verificar a validade e a normatização do CAT. Expõe as pesquisas de Haworth (1966) que publicou por volta de 100 trabalhos até essa data. No entanto, a autora esclarece que muitas pesquisas se baseiam numa amostra pequena e não explicam quais as provas estatísticas que utilizaram para a análise dos resultados.

Essa mesma autora, dando seqüência a sua pesquisa na literatura, menciona um estudo que procurou comparar o CAT com uma avaliação sociométrica, tendo como

objetivo verificar se havia diferenças significativas entre a produção de crianças consideradas populares pelo grupo – “estrelas” - e a aquelas mais afastadas – “solitárias” - ou seja, crianças que não eram eleitas nem rejeitadas. Utilizou-se alunos do 5º., 6º. e 7º. graus e constataram que as crianças consideradas “estrelas” construíram histórias nas quais apareceram impulso agressivo junto com uma forte necessidade de aquisição e conquista, predominando relações interpessoais satisfatórias, enquanto no “solitários” os relatos eram muito breves, com conteúdo escasso, com elevado grau de ansiedade e sentimentos hostis para com as figuras parentais que eram vividas como persecutórias e extremamente punitivas (Lumkin, 1962, citado por Hirsch, 1984).

Estudos comparando as duas versões do CAT, Animal e Humana com o objetivo de verificar qual das duas formas possibilita uma melhor avaliação da personalidade de crianças, foram realizados por Lawton (1966) que aplicou o CAT-A (forma Animal) e o CAT-H (forma Humana) em 24 alunos de jardim de infância e 28 do 2º. grau, constatando que as duas formas eliciaram, na maioria dos casos, os mesmos mecanismos de defesa e as diferenças não foram significativas. Um outro estudo com propósito semelhante buscou avaliar a produção de 30 crianças com ansiedade leve, moderada e alta, observando que não houve diferença significativa quando compararam os níveis de ansiedade com a produção das crianças no CAT-A e no CAT-H, concluindo que as duas técnicas são equivalentes. Tal achado é uma raridade na área de instrumentos projetivos, o que deve ser considerado positivo, pois mesmo que os resultados não indicaram diferenças significativas, as formas dos testes são diferentes, o que possibilita ao profissional escolher entre uma e outra que julgar mais adequada no uso particular de um caso (Neuringer & Livesay, 1970). Em concordância com os estudos supracitados, encontra-se no Brasil a pesquisa de Jacquemin e Martins (1976).

No que concerne à investigação de crianças com problemas emocionais e de conduta, Souza (1952, citado por Tardivo, 1992) comparou o grupo de alunos adaptados à situação escolar com o de crianças que apresentavam problemas de conduta. Verificou-se que o segundo grupo se identificava com figuras que se mostravam inferiores ou rejeitadas e o meio ambiente era descrito nas histórias como frustrante e agressivo. Constatou-se que as crianças mais perturbadas apresentavam mais adições, especialmente de situações de castigo, violência e acidentes. Os finais dos relatos, em geral eram mais negativos, o herói se mostrava na defensiva frente a um mundo caracterizado pela falta de afeto e compaixão. Quanto ao primeiro grupo demonstrou identificações com figuras valorizadas e as histórias, em geral, apresentavam um desfecho positivo.

Com relação o desempenho no CAT de crianças com problemas de conduta, Grassano (1996) realizou estudos classificando-as de acordo com categorias nosológicas. Cabe destacar, que na literatura pesquisada, não há referência a nenhum tipo de tratamento estatístico dos dados que pudesse conferir uma maior confiabilidade aos resultados relativos ao grupo.

Inicialmente, Grassano (1996), descreve os resultados de crianças fóbicas, evidenciando ansiedade exacerbada que determina um rendimento produtivo ou improdutivo diante dos estímulos. O personagem infantil foge de situações de perigo – por medo. Quando predomina defesas contrafóbicas ressaltam as qualidades do personagem infantil – mais inteligente, esperto, corajoso e capaz de enfrentar os perigos externos.

No caso de histéricos, essa autora encontrou dados que mostram que a percepção da prancha fica influenciada pela repressão das situações que se relacionam aos conflitos sexuais, ciúmes e ansiedades inerentes a estes, necessitando ser negados e omitidos. Quanto aos obsessivos, observou-se que a produção no CAT é assinalada por defesas, especialmente de controle das emoções. Dessa forma, existe uma preocupação em perceber

a realidade externa de maneira mais objetiva e excessivo detalhismo. Geralmente as crianças obsessivas descrevem os personagens infantis, solitários, isolados, indecisos e cheios de dúvidas.

No que se refere ao desempenho de crianças com traços impulsivos e tendências psicóticas, essa mesma autora verificou que apresentam um curso associativo rápido, com dificuldade para analisar a prancha, conteúdo pobre e pouca possibilidade criativa. Quanto às crianças com características depressivas, indicam uma produção pobre, com histórias curtas e bloqueadas. Não desenvolvem o conflito e detêm-se na necessidade – passado e presente, faltando a perspectiva de futuro.

Objetivando elaborar uma sistematização da interpretação da resposta ao CAT, Montagna (1987) fez um estudo, no Brasil, a partir do esquema de interpretação de Bellak e Bellak (1954), da proposta de Haworth (1962) e Shentoub (1969) para o TAT. Procurou discutir os pontos de aproximação e complementação dos aspectos que abrangem tanto a análise do conteúdo quanto a análise formal da interpretação da resposta. A autora constatou a viabilidade dessa proposta, na qual elaborou categorias de interpretação a partir do que esses autores postulam, por meio de um estudo de caso clínico.

Uma pesquisa com 30 sujeitos paulistanos, do sexo masculino, primogênitos, na faixa etária de 4 a 6 anos, utilizou o CAT-A e os dados de entrevistas com os pais para verificar as relações de interferência da família nas condições psíquicas de irmãos em rivalidade. Percebeu-se que os dados fornecidos pelos pais comparados ao resultado do teste possibilitaram uma visão mais clara da percepção dos pais com relação aos filhos e dos filhos com relação aos pais (Rocha, 1989).

Com o propósito de estabelecer normas para o CAT-A e o Teste das Fábulas de Düss, tendo como parâmetro a população de São Paulo, Tardivo (1992) verificou como respondem a essas técnicas crianças ditas “normais”, observando como são suas histórias,

desde temas escolhidos, até as categorias de conteúdo que surgem com mais frequência, além de comparar esses dados com a idade e o sexo. Participaram dessa pesquisa 128 crianças de 5 a 8 anos, sendo que 26 foram selecionadas para a pesquisa piloto, a partir da qual foram elaboradas as categorias para interpretação das técnicas. Outro objetivo foi de buscar evidência de validade por meio da correlação dos resultados das duas técnicas, comparando-as ainda com os resultados de um outro estudo que realizou com o procedimento de Desenhos-Estórias (D-E).

Na discussão dos resultados essa autora comparou os mesmos para verificar diferenças e semelhanças no desempenho de crianças “normais” nas três técnicas projetivas, procurando abordar aspectos da dinâmica da personalidade dos sujeitos revelados pelos três instrumentos. Concluiu o estudo enfocando que em alguns aspectos as três técnicas coincidem, em outros se complementam e em alguns se opõem, mas que de maneira geral encontrou coerência entre os resultados obtidos nos três instrumentos. Verificou-se que no CAT surge mais material latente assim como no D-E, enquanto no teste de Düss são mais presentes aspectos manifestos e conscientes.

Fundamentada num enfoque clínico que tem como parâmetro o sujeito, seu contexto e sua história pessoal, uma pesquisa objetivou analisar o conteúdo latente dos pesadelos e o conteúdo de histórias infantis contadas no CAT, partindo do pressuposto que ambos são determinados por uma dinâmica inconsciente. Para esse estudo de caso, utilizou-se também os testes H.T.P., Desenho da Família e o Bender (Carotenuto, 2000).

Nessa revisão bibliográfica a respeito dos estudos envolvendo o CAT, encontrou-se uma pesquisa recente que objetivou verificar se os instrumentos Desenho da Figura Humana (DFH) e o Teste de Apercepção Infantil (CAT-A) são sensíveis à identificação do abuso sexual na infância e se por meio deles é possível diferenciar o grupo de crianças que sofreram abuso sexual do grupo de crianças que não sofreram. Procurou-se controlar

algumas variáveis com o intuito de estabelecer uma comparação entre os dois grupos. Dessa forma a idade, sexo, tipo de escola e nível socioeconômico foram os mesmos para os dois grupos. Participaram do estudo 30 crianças de ambos os sexos, com a idade entre 6 e 10 anos em dois grupos distintos. Um grupo de 15 crianças que apresentavam histórico de violência sexual e o outro grupo foi constituído por 15 crianças de uma Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Constatou-se que os dois instrumentos foram sensíveis e conseguiram discriminar o grupo de pesquisa do grupo de controle e “detectar” situações de abuso sexual no grupo de pesquisa. A autora concluiu que há evidência de validade concorrente entre os dois instrumentos, apesar do número pequeno de participantes (Fonseca, 2005).

Assim vários autores verificaram a correlação do CAT com outros instrumentos, por meio da correlação de grupos com crianças consideradas normais ou com quadros clínicos específicos. A maioria deles procurou criar um referencial de análise para o CAT, mas apenas dois estudos encontrados no Brasil, o de Tardivo (1992), buscou além de elaborar categorias de interpretação normatizadas, verificar a evidência de validade das mesmas, comparando-as com os resultados de outros testes projetivos. Bem como o de Fonseca (2005) que elaborou um referencial de análise para o CAT e o DFH (Desenho da Figura Humana) que pudessem discriminar um grupo de crianças com histórico de abuso sexual do grupo sem esse histórico. Verificou a evidência de validade correlacionando os resultados do CAT-A com os de DFH. Portanto é importante ressaltar a relevância dessas duas pesquisas pela elaboração de um esquema de interpretação do CAT para crianças do Estado de São Paulo.

Vale destacar a importância da pesquisa de Tardivo (1992) para esse estudo, no qual algumas categorias de interpretação serão utilizadas por fornecerem um referencial que amplia as possibilidades de análise da técnica e, ainda pela semelhança de proposta,

diferindo quanto aos instrumentos que serão correlacionados, faixa etária dos sujeitos e ao critério externo que será verificado nos testes.

A partir desse levantamento confirmou-se a necessidade de mais pesquisas de evidência de validade para o CAT que nesse estudo será correlacionado com o H.T.P e uma Escala de Auto-Relato. A seguir serão apresentadas as características gerais do H.T.P, avaliação de cada desenho, assim como a interpretação e alguns estudos no Brasil que conferiram evidência de validade ao teste.

1.4 - *Desenho da Casa-Árvore-Pessoa (House-Tree-Person – HTP) Buck, (2003).*

A técnica projetiva de desenho – H.T.P foi inicialmente apresentada por Buck em 1948 como uma medida de inteligência para adultos. A eficácia dessa técnica como medida de inteligência, foi confirmada por meio de alguns estudos de correlações com outras medidas de QI. No entanto, Bieliauskas e Moens (1961, citados por Buck, 1964 / 2003), constataram que o treinamento artístico aumentava os QIs estimados pelo H.T.P, embora outras pesquisas verificaram que índices de desajustamento aparentemente não são afetados pela capacidade artística, Lair e Trapp (1960 citados por Buck, 1964 / 2003). Assim Zucker (1948) observou que os desenhos são os primeiros indicadores clínicos a mostrar sinais de psicopatologia, pois são mais sensíveis a tendências psicopatológicas do que as outras técnicas.

O uso do desenho possibilita a manifestação mais direta de aspectos da personalidade que o indivíduo não tem conhecimento, não quer ou não pode revelar, isto é, aspectos mais profundos e inconscientes. O que facilita essa projeção é o fato de ser uma expressão pictórica, um meio menos usual de comunicação do que a linguagem, portanto com menor controle cognitivo e conteúdo simbólico menos reconhecível (Kolck, 1975).

O desenvolvimento da técnica do H.T.P é semelhante ao das outras projetivas, na atividade clínica, fornecendo dados, no processo psicodiagnóstico, que, quando relacionados à entrevista e a outros instrumentos de avaliação, podem revelar conflitos, necessidades, ansiedades e os aspectos do ambiente que o indivíduo percebe como problemático. Numa psicoterapia em andamento os desenhos podem evidenciar a evolução do estado psicológico do indivíduo (Buck, 1964 / 2003).

Conforme Kolck (1975), essa técnica tem por finalidade avaliar aspectos projetivos e expressivos da personalidade, refletindo a maneira como o sujeito percebe o mundo, expressando vivências emocionais e ideacionais associadas ao desenvolvimento da personalidade. Portanto, o desenho representa a maneira que o indivíduo percebe o seu meio, as pessoas e de como sente e se posiciona diante delas, isto é, indica a maneira peculiar de ser e sentir de uma pessoa.

Quanto à análise dos desenhos é importante considerar as áreas mais amplas da personalidade investigadas pelos três itens que compõem o teste – Casa, árvore e pessoa. Hammer (1981) considera que o desenho da casa reflete a percepção da família, seja numa ótica atual, passada ou num futuro idealizado, mas também aspectos do ego que têm tal percepção e que podem representar um auto-retrato. A árvore e a pessoa permitem investigar a auto-imagem e autoconceito, ou seja, diferentes aspectos do self. Os aspectos projetados na árvore estão associados a conteúdos mais profundos da personalidade, enquanto, na pessoa, indicariam a visão de si mesmo mais próxima da consciência e de sua relação com o ambiente.

Os conceitos interpretativos indicados no manual de Buck (2003), que serão utilizados nessa pesquisa, partem dos aspectos gerais comuns aos três desenhos até a análise das características específicas da figura. Esse esquema de interpretação será apresentado resumidamente.

Características gerais dos desenhos – Observa-se a proporção entre a figura desenhada e a folha do desenho, e as partes que compõem a figura em relação à mesma. Podem revelar os valores que o indivíduo atribui aos objetos, situações, pessoas e de como se sente no ambiente. A perspectiva pode ser verificada na localização do desenho na página, posição, transparências e movimento – podem indicar a medida da compreensão do indivíduo, ou

seja, como compreende e reage a aspectos mais complexos, mais abstratos e exigentes da vida. Finalmente os detalhes, se são essenciais ou não, bizarros, irrelevantes, o sombreamento, ênfase no detalhe, qualidade da linha - podem ser considerados como um índice de reconhecimento, de interesse e de reação aos elementos da vida diária.

Desenho da Casa – Estimula associações conscientes e inconscientes referentes ao lar e as relações interpessoais. Indica a capacidade do indivíduo em lidar com situações de estresse, tensões nas relações e para analisar criticamente problemas gerados por essa situação. As áreas de interpretação no desenho da casa geralmente referem-se à acessibilidade, nível de contato com a realidade e grau de rigidez do indivíduo. Na análise são considerados os elementos essenciais, telhado, paredes, porta e janelas; acessórios, como chaminé, perspectiva, linha de solo, etc.

Desenho da Árvore – Possibilita mais as associações pré-conscientes e inconscientes, é uma expressão gráfica da experiência de equilíbrio sentida pelo indivíduo e da visão de seus recursos internos para obter satisfação no meio ambiente. A impressão geral do desenho é, em grande parte, determinada pela localização no papel e pelo tipo de árvore. Deve-se considerar na interpretação o tronco, copa ou galho, frutos, linha de solo e raízes.

Desenho da Pessoa – Facilita mais associações conscientes do que os outros desenhos e contém elementos direto da auto-imagem corporal. Reflete ainda a capacidade do sujeito para se relacionar e para submeter o self e as relações interpessoais à avaliação crítica objetiva. É importante verificar o tipo de pessoa desenhada, considerar as partes como a cabeça, os traços faciais, os braços e as mãos, tronco incluindo pernas e pés.

Dada a natureza do material, psicólogos clínicos e psiquiatras acreditam que a utilidade do H.T.P. consiste na capacidade de revelar conteúdos que não foram verbalizados na relação terapêutica do clínico e de seu cliente. Desse modo, permite estabelecer uma comunicação em um nível terapeuticamente significativo, verificando as mudanças de comportamento do sujeito em processo terapêutico. Entretanto, o autor do teste, pontua a necessidade de estudos longitudinais que possam observar e comprovar a evolução do caso constatada pelo teste (Buck, 1964 / 2003).

A seguir serão descritos seis estudos realizados no Brasil que objetivaram buscar evidência de validade para o H.T.P., por meio de correlação de técnicas e grupos contrastantes.

1.5 – Estudos com o H.T.P. no Brasil

As pesquisas encontradas na referência complementar sobre o H.T.P no Brasil, evidenciam que essa técnica é bastante utilizada tanto na área clínica, quanto organizacional e educacional. Alguns trabalhos consistem em estudos de caso e outros não fornecem dados estatísticos que possam conferir uma maior confiabilidade aos resultados. Sendo assim, serão citados aqui alguns estudos que analisaram seus resultados utilizando um tratamento estatístico.

Uma dessas pesquisas comparou o perfil psicológico de 10 pacientes psiquiátricos adultos, obtido isoladamente e pela combinação dos instrumentos H.T.P, Desiderativo, técnica das Pirâmides Coloridas de Pfister e do Rorschach, com a finalidade de caracterizar os índices diagnóstico e previsão. Observaram uma boa concordância na correlação dos aspectos qualitativos do perfil psicológico, obtidos por meio dessas técnicas (Loureiro & Romaro,1985).

Esses mesmos autores realizaram outro estudo com o objetivo de fazer um levantamento dos índices de conflito de identidade por meio das técnicas projetivas: H.T.P, Pfister, Rorschach e Desiderativo, aplicadas a 10 pacientes psiquiátricos adultos, que apresentavam clinicamente sinais de conflito de identidade, expressos por dificuldades sexuais, familiares, de relacionamento e comprometimento de auto-estima. A correlação dos resultados dessas técnicas possibilitou a delimitação dos conflitos de identidade ligados à auto-imagem, enquanto imaturidade emocional, insegurança, afastamento da realidade e dificuldade de controle dos impulsos, favorecendo o esclarecimento do diagnóstico clínico por meio da compreensão do nível de comprometimento da identidade desses pacientes (Romaro & Loureiro, 1986).

Um outro estudo objetivou caracterizar a representação gráfica de família realizada por 20 pacientes esquizofrênicos que constituíram família, sendo 10 do sexo feminino e 10 do masculino, buscando destacar os possíveis fatores influenciadores de tais representações gráficas. No geral, os resultados demonstraram que houve a predominância de representações que se aproximaram da família constituída, sugerindo ajuste à realidade, apesar da presença de conflitos e dificuldades em assumir papéis adultos (Alves & Loureiro, 1994).

No que se refere às dificuldades de aprendizagem, encontra-se três estudos. O primeiro realizado por Loureiro, Marturano, Linhares, Machado e Silva (1994), cujo objetivo foi de caracterizar os aspectos afetivos associados às queixas de dificuldades de aprendizagem escolar. Participaram desse estudo 75 crianças, alunos de 1^a. a 3^a. série, com idade entre 9 e 12 anos, distribuídas em 3 grupos de 25 sujeitos, balanceados com relação ao sexo. O grupo 1- composto por crianças com história de atraso escolar cujas famílias procuraram atendimento junto ao ambulatório de Psicologia Infantil; Grupo 2 – crianças com história de atraso escolar que não buscaram atendimento psicológico e Grupo 3 – crianças sem histórico de atraso escolar, freqüentando a série compatível com sua idade. Utilizou-se o H.T.P para verificar os aspectos emocionais e o WISC para avaliar o nível cognitivo. Esse último indicou que as crianças do grupo 1 e 2 apresentaram um desempenho significativamente mais baixo que as crianças do grupo 3, com relação ao QI Geral ($F=37,89$; $p<0,0001$), QI Verbal ($F=47,54$; $p= 0,001$) e QI de Execução ($F=213,10$; $p<0,001$). A análise dos dados da produção gráfica no H.T.P indicou 48 itens com valores estatisticamente significativos na diferenciação dos aspectos emocionais de crianças com dificuldade escolar, comparadas as crianças sem atraso escolar; score global ($F=4,360$; $p<0,05$). De acordo com os autores, o H.T.P mostrou-se um instrumento útil como recurso

de avaliação psicológica dos aspectos afetivos relacionados às dificuldades de aprendizagem.

O segundo estudo foi realizado por Jacob, Loureiro, Marturano, Linhares e Machado (1999), objetivando caracterizar por meio dos testes H.T.P e Pirâmides Coloridas de Pfister (PTC) o funcionamento afetivo de 50 crianças com idade entre 8 e 12 anos, de ambos os sexos, com nível intelectual médio. As crianças foram distribuídas em dois grupos de 25 sujeitos, balanceados com relação ao sexo. O grupo 1 foi composto por 25 crianças com histórico de atraso escolar, cujos pais buscaram atendimento junto ao Ambulatório de Psicologia Infantil do HCFMRP-USP. O grupo 2 contou com 25 crianças sem história de atraso escolar, frequentando a série compatível para a sua idade cronológica.

Os dados foram classificados como positivos ou negativos. Foram considerados positivos aqueles índices tidos como próprios da produção de escolares relacionados aos recursos afetivos ou cognitivos, considerados indicadores para o desenvolvimento. Os índices classificados como negativos foram aqueles considerados inapropriados à produção dessa faixa etária, relacionados a prejuízo cognitivo ou afetivo, tidos como sugestivos de atraso ou dificuldade no desenvolvimento. Os resultados indicaram que o G1 apresentou valor médio de Escore Positivo (EP), significativamente menor que o obtido pelo G2 ($p=0,009$) e quanto ao Escore Negativo (EN) não houve diferença significativa entre os grupos ($p=0,598$). A comparação do Escore Geral (EG) indicou que o G1 apresentou valor menor comparado ao G2 ($p= 0,136$). Com relação aos 11 itens que avaliam a qualidade da produção observou-se que o G1 apresentou uma produção mais empobrecida, comparada ao G2 ($p=0,007$), no qual predominou uma produção mais elaborada. No que se refere aos indicadores de recursos cognitivos e emocionais observados no TPC, constatou-se diferenças significativas entre os dois grupos quando avaliado o Índice de Maturidade

($p=0,003$). O que se concluiu em relação às crianças com atraso escolar, tanto por meio dos dados indicados no H.T.P. quanto no TPC, foi que essas crianças apresentaram índices de poucos recursos elaborativos disponíveis, caracterizando produções empobrecidas e primitivas, aparentemente sugestivas de comprometimento cognitivo. Considerando que a avaliação cognitiva não indicou comprometimento intelectual, os autores concluíram que tais crianças, por fatores afetivos, utilizaram precariamente seus recursos, ou seja, não conseguiram atualizá-los.

O terceiro estudo de Marturano, Linhares, Loureiro e Machado (1997) surgiu a partir do questionamento da eficácia do ensino público no Brasil e teve por objetivo verificar se as crianças encaminhadas para atendimento psicológico em virtude de dificuldades escolares apresentavam algum problema que demandasse ajuda profissional. Avaliaram três grupos: crianças com baixo desempenho escolar indicadas para atendimento psicológico, crianças com baixo desempenho não encaminhadas para atendimento e crianças com bom desempenho. Utilizaram na avaliação os instrumentos WISC, o Colúmbia, o Bender, H.T.P, o Pfister e escalas de avaliação do comportamento preenchidas por mães e professoras. Os autores constataram que as crianças encaminhadas para atendimento psicológico demonstraram problemas de ajustamento e comportamento o que pode ser associado ao seu baixo desempenho escolar. Enfatizam a importância de um diagnóstico cuidadoso para identificar as crianças que requerem suporte psicológico.

Devido às inúmeras possibilidades de análise e a grande quantidade de informações sobre a dinâmica psíquica infantil que as técnicas projetivas H-T-P e C.A.T. -A possibilitam, optou-se por destacar nesse estudo um aspecto específico da personalidade visando maior rigor nas análises. Sendo assim, a auto-estima foi selecionada como foco dessa pesquisa para facilitar a elaboração de categorias e seus respectivos indicadores a serem correlacionados.

CAPÍTULO I I - A AUTO-ESTIMA NUMA PERSPECTIVA PSICOLÓGICA.

Havendo uma vasta quantidade de publicações de auto-ajuda sobre esse tema, o construto foi banalizado, na medida em que muitas considerações que são feitas nesse tipo de literatura não têm nenhuma relação com os postulados da ciência e da psicologia. Essa última, em quase todas as suas formulações teóricas, indica a existência de uma relação considerável entre o corpo, a mente e o conceito de auto-estima, sem, muitas vezes, fazer uma referência direta ao construto (Capitão, 2003).

Embora a história do estudo do self possa ser remetida à filosofia grega antiga, isto é, ao “conhecer-se a si mesmo”, estudiosos contemporâneos do autoconceito prestam uma homenagem aos teóricos clássicos - James (1890) e Cooley (1902) que originalmente influenciaram e ainda influenciam na fundamentação teórica desse construto (Harter, 1996).

As contribuições de James (1890) foram importantes, principalmente por ter sido o primeiro a fazer uma distinção articulada entre os dois aspectos fundamentais do self, o “eu” e o “me” – o self como sujeito e como objeto. O eu-sujeito é o conhecedor - visto como self subjetivo, porque organiza e interpreta suas experiências, sendo considerado essencial, pois é o agente responsável por construir o eu-objeto. O “me” - eu-objeto – é considerado como self objetivo e empírico na medida em que é o objeto da criação do Eu-Self.

Além disso, James desenvolveu o conceito do eu-objeto, definindo-o como a soma total de tudo que uma pessoa pode chamar de seu. Esse total poderia ser subdividido no que ele chamou de “constituintes” do self. Sendo os três principais, o self material que inclui o corpo bem como suas posses – pertences; o self social que consiste nas características que

são reconhecidas por outros e o self espiritual que definiu como o self que compreende os pensamentos, as disposições, os julgamentos morais dos indivíduos, o qual considerou possuir os aspectos mais duradouros do indivíduo.

Cabe aqui trazer o que esse autor considera como causa do nível da auto-estima de uma pessoa. Para ele, a auto-estima está relacionada com o que o indivíduo pretende e o que alcança. Assim, se os sucessos percebidos pelo indivíduo forem iguais ou maiores que suas pretensões ou aspirações, a auto-estima será elevada. Contrariamente, se as pretensões excedem os sucessos, isto é, se a pessoa não for bem sucedida, nas suas aspirações, a auto-estima será baixa. A crítica a essa conceituação é relativa à suposição de que o insucesso em uma determinada área, na qual a pessoa não possui pretensões, não atingirá a sua auto-estima. A partir disso, Harter (1993) procurou verificar, por meio de uma pesquisa, se o sucesso nas áreas pretendidas pelo sujeito é que vai determinar o nível de sua estima. Seu estudo apresentou resultados que convergem positivamente com o conceito de auto-estima postulado por James.

Confirmando e acrescentando a teoria de James, os interacionistas simbólicos enfatizam que as interações sociais contribuem para a formação e desenvolvimento da auto-estima. Dentre eles Cooley (1902) e Mead (1934) consideram o self como sendo uma construção social, formado por meio da interação com os outros. Para explicar esse conceito, Cooley (1902) adotou a metáfora do “espelho social” para descrever a auto-estima. Para ele, as pessoas que são significativas para o indivíduo, constituem um espelho social no qual o mesmo olharia para detectar opiniões a respeito do próprio eu, as quais são incorporadas, formando o self. Esse, por sua vez, é composto pelo que se imagina que os outros pensam a respeito da aparência, ações e caráter de si mesmo.

Embora Mead (1925 citado por Harter, 1996) faz uma referência à teoria de Cooley (1902), deu uma ênfase maior no papel social das interações, particularmente por meio do

uso da linguagem, enfocando a questão da origem dessas atitudes na infância. Explica que a criança passa por dois estágios, nos quais adota as atitudes de outros em relação a si mesma. Denominou esses estágios de “brincar” e “jogar”. O brincar é a imitação dos papéis dos adultos e no jogar, há procedimentos e regras pré-estabelecidas. No jogar, a criança não faz só o papel dos outros, mas também deve assumir os diversos papéis dos participantes do jogo e administrar suas ações devidamente. Concordante com essa abordagem, a psicanálise considera que a atividade lúdica é uma forma de expressão da criança que possibilita mostrar seus sentimentos, conflitos, angústias, enfim sua dinâmica psíquica, seu mundo interno (Semer, 1999).

Os trabalhos encontrados que abordam temas relacionados ao *self* utilizam uma variedade de termos entre os quais se destacam os construtos autoconceito e auto-estima. Alguns autores consideram que são dois aspectos psicológicos distintos, referindo a diferentes formas de avaliação do *self*. Assim, consideram o autoconceito como um componente fundamentalmente cognitivo e contextualizado da auto-avaliação, ou seja, o conhecimento que o indivíduo tem de si. Nesse sentido, difere-se da auto-estima que se refere a uma auto-avaliação mais descontextualizada, possuindo um componente predominantemente afetivo, isto é, está relacionada aos afetos e emoções. Deste modo, pode-se considerar que o autoconceito, devido a sua maior especificidade, é mais permeável às influências contextuais e situacionais, enquanto que a auto-estima, com um caráter mais global, apresenta maior estabilidade (Hattie, 1992; Campbell & Lavalley, 1993 citados por Peixoto & Almeida, 1999).

Um outro construto importante e que deve ser distinguido é a auto-imagem. De acordo com Weiner (1998) a auto-imagem tem vários traços em comum com a auto-estima e isso leva, muitas vezes, a utilização desses termos como sinônimos. A partir disso, esse autor e também Sendín (1999) definem a auto-imagem como a visão que o indivíduo tem

de si mesmo e a descreve a partir das percepções positivas ou negativas de suas características baseadas em dados reais ou imaginários. A auto-estima, ao contrário, está relacionado com o valor que indivíduo atribui a essa percepção, vinculada à valorização externa. Confirmando essa definição, Weiner (1998) considera que a auto-estima se refere às atitudes que os indivíduos têm em relação às suas qualidades e capacidades e, quando essa é adequada, promove auto-aceitação, auto-respeito e autoconfiança baseados numa avaliação realista.

Nesse modelo de definição de auto-estima encontra-se o trabalho de Coopersmith, (1967) que define o construto como a avaliação que o indivíduo efetua e que normalmente mantém em relação a si mesmo e que por meio das suas atitudes de aprovação ou desaprovação indica o grau em que se considera capaz, importante e valioso. De acordo com esse autor, a formação da auto-estima está estreitamente ligada ao tratamento que a criança recebe no núcleo familiar. Enfoca alguns fatores como determinantes dessa formação tais como: a criança sentir-se aceita, cuidada pelos pais, respeitada, a presença de limites claros e consistentes e finalmente sentir que tem apoio para alcançar suas metas.

Pode-se entender esse estado ou traço da personalidade, buscando uma referência na psicanálise, por meio dos mecanismos de defesa apontados por Freud (1895-1914), como uma estratégia para evitar as ameaças do equilíbrio do ego, representadas pela ansiedade. Branden (1996) considera que essas estratégias de defesa contra qualquer espécie de ameaça procedem de fontes internas ou externas à auto-estima. Em suma, as defesas identificadas por Freud podem ser compreendidas como esforços para proteger a auto-estima.

Enfim, nas referências encontradas, observa-se uma dificuldade na definição desses três construtos – auto-estima, autoconceito e auto-imagem - devido à complexidade e proximidade dos mesmos. No entanto, esses conceitos se relacionam com as diferentes

formas de avaliação do *self* e nesse aspecto têm pontos comuns que convergem para o conhecimento do mesmo.

No que se refere a estudos no Brasil envolvendo a auto-estima com instrumentos projetivos ou mesmo com escalas de auto-relato, encontram-se poucos, sendo mais focalizado o autoconceito. A seguir serão expostos dois estudos tendo como foco a auto-estima verificada por meio de instrumentos projetivos.

2.1 Estudos no Brasil envolvendo auto-estima e testes projetivos.

Com o objetivo de estudar o aspecto psicológico relacionado à constituição da auto-estima em crianças enuréticas, Semer (1999) verificou se a auto-estima das crianças enuréticas era baixa, em caso positivo, se seria um rebaixamento em função do sintoma ou anterior a este, como conseqüência de uma falha na construção do *self*. Participou desse estudo 26 crianças enuréticas, sendo 15 do sexo feminino e 11 do masculino, com idades variando de 5 anos e 6 meses até 11 anos e 6 meses, provenientes do Ambulatório de Pediatria Assistencial do Hospital Israelita Albert Einstein. O grupo de controle foi composto por 26 crianças, sendo 16 do sexo feminino e 10 do masculino, com idades variando de 5 anos e 7 meses até 11 anos e 11 meses. Essas crianças freqüentavam o mesmo Ambulatório, mas sem o sintoma de enurese. Utilizou-se o método de Rorschach no sistema compreensivo, do qual foram selecionadas 11 variáveis relacionadas a diversos aspectos e hipóteses sobre o funcionamento das crianças enuréticas. E ainda usou as escalas de Blatt (1976, citado por Semer, 1999), que avaliam o conceito de representação de objeto pelas figuras de conteúdo humano. A figura humana é avaliada em sua dimensão de diferenciação, isto é, H, (H), Hd e (Hd); de articulação (atributos como idade, sexo, ocupação) e de integração, isto é, contemplando a possibilidade de interações.

Constatou-se, por meio dos dados, que as crianças enuréticas apresentam uma tendência a se perceber de um modo negativo e denegrado, o que pode ser entendido como sinal de baixa auto-estima, não causada pelo sintoma, mas como decorrência de experiências advindas ao longo do seu desenvolvimento, no qual prevaleceu noções distorcidas de si mesmo e do outro, faltando condições de fantasiar e simbolizar. Apesar da

imaturidade, o sintoma não significa uma forma de descarga, mas uma carência de controle, que seria produto do desenvolvimento da noção de si, do *self*.

O estudo de Pires (2000) teve por objetivo investigar as relações existentes entre o desempenho na matemática, representante do aspecto cognitivo, e a auto-estima como representante do aspecto afetivo. Participaram desse estudo 20 crianças, sendo 10 do sexo feminino e 10 do masculino, alunos da 5ª. série do 1º. grau de uma escola pública municipal da cidade de Recife. No primeiro momento, utilizou-se o H.T.P para detectar o nível de auto-estima das crianças. Ao final dessa fase, constituíram-se duplas contemplando as variáveis gênero e nível de auto-estima. Na segunda etapa, aplicou-se um instrumento de avaliação de desempenho matemático que foi realizado em duplas.

A autora observou que há uma relação entre o nível de auto-estima, o padrão de interação e o desempenho matemático das duplas. A auto-estima elevada parece estar relacionado a uma boa interação das duplas e a resolução das questões matemáticas sem dificuldades. Assim como, a baixa auto-estima parece vincular-se a um padrão de interação fraco das duplas e a realização das questões pautadas pelo erro e pela presença de dificuldades. Portanto, essa autora, por meio dos dados obtidos, aponta que há uma relação entre os aspectos afetivos e cognitivos.

Considerando a auto-estima um dos indicadores sociais e psicológicos importantes para a avaliação da saúde mental, Gobitta (2004), constatou a necessidade de construir e realizar estudos de validade e precisão de instrumentos que avaliem esse construto. Para tal, desenvolveu, a partir do Self-Esteem Inventory (SEI) de Coopersmith (1967/1989), que foi adaptada para a língua portuguesa por Gobitta (2000). No estudo preliminar desse instrumento o coeficiente *Alpha* encontrado foi 0,73. Ao analisar a consistência interna por meio da correlação item-total, constatou-se a existência de 27 itens pouco consistentes (*Alpha de Cronbach* <0,20). Ao final dos procedimentos de revisão semântica dos itens,

realizados por juízos, a escala foi submetida a uma Análise Fatorial Exploratória que indicou 26 itens com índices de precisão aceitáveis ($Alpha > 0,20$). Uma das hipóteses para esse resultado considerou-se “a influência dos aspectos culturais que determinam a constituição das crenças e valores que compõem o processo de avaliação de si mesmo” (Gobitta, 2004, p 47).

A partir desse estudo, a autora buscou construir um instrumento baseado na (SEI), da qual retirou 22 itens que, foram considerados consistentes, e elaborou 24 itens novos. Para isso, selecionou aleatoriamente três participantes de cada uma das séries do ensino fundamental de (1^a. a 8^a.), resultando num total de 23 participantes, com idade entre 7 e 15 anos, de ambos os sexos. Ao final dessa pesquisa, a Escala Multidimensional da Auto-Estima (EMAE) contou com 56 afirmações, com duas versões, uma denominada forma A, mais adequada a crianças de 1^a. a 4^a. séries e a outra versão, denominada forma B, destinada a crianças maiores e adolescentes.

Esse instrumento consiste em uma medida coerente com o modelo multidimensional da auto-estima postulado por Coopersmith (1967), englobando fatores que representam dimensões presentes nesse construto como: aceitação social, percepção de si, família, desempenho e aceitação de si. Para responder os itens da escala tipo *Likert*, a criança deve selecionar uma das cinco opções de intensidade, representadas por “faces”, no caso da forma A que será utilizada na presente pesquisa: nem um pouco, um pouco, mais ou menos, bastante e muitíssimo.

Para verificar as propriedades psicométricas da escala a autora selecionou 386 participantes, de ambos os sexos, com idade entre 7 e 17 anos, de 1^a. a 8^a. séries de escolas privadas e estaduais da cidade de Campinas. Encontrou níveis de fidedignidade (Alpha de Cronbach) satisfatórios para cada um dos fatores, sendo que -

A dimensão “aceitação social” apresentou o índice mais alto (0,84), seguida da dimensão ‘família’ (0,81) e das dimensões “desempenho” e “percepção de si” (0,75 e 0,74, respectivamente). A dimensão “aceitação de si” obteve o menor índice da escala (0,62), que pode ser atribuído ao número reduzido de itens que a compõe (5 itens). O *Alpha* obtido para a escala total foi elevado (0,90) o que indica que o instrumento tem boa consistência interna (Gobitta, 2004, p. 96).

Para verificar a validade convergente com instrumentos correlatos, utilizou-se as escalas de avaliação do Bem-Estar Subjetivo (EMSV) de Giacomini (2003 citado por Gobitta, 2004), constatando-se que a dimensão família da EMAE e a dimensão família da EMSV indicaram uma alta correlação ($r=0,72;p<=0,01$), seguida da dimensão aceitação social da EMAE com as dimensões amizade ($r=0,71;p<=0,01$) e self ($r=0,68;p<=0,01$) da EMSV. Com relação à dimensão desempenho da EMAE, encontrou-se uma correlação significativa com a dimensão escola da EMSV ($r=0,69;p<=0,01$). Quanto às dimensões da EMAE todas se correlacionaram significativamente. As correlações mais altas foram entre as dimensões família e desempenho ($r=0,50;p<=0,01$), seguidas de aceitação social e percepção de si, aceitação social e desempenho, percepção de si e família ($r=0,48;p<=0,01$). A menor correlação foi entre as dimensões percepção de si e desempenho ($r=0,23;p<=0,01$). Os resultados encontrados mostram que as escalas apresentam associação entre si, indicando validade convergente, pois as correlações ocorreram dentro do esperado.

Considerando a dificuldade em delimitar o construto auto-estima, já que se funde a outros construtos relacionados ao eu, como autoconceito e auto-imagem, vale ressaltar as considerações de Epstein e Morling (1995) que baseados na teoria experiencial-cognitiva do self, citam dois sistemas de auto-avaliação, a avaliação explícita – a pessoa responde com um sistema racional e a implícita – o indivíduo responde com o sistema

experencial, que é primariamente não-verbal, emocional e imaginário. No intuito de melhor analisar a auto-estima, optou-se, nesse estudo, utilizar o EMAE (Forma A) de Gobitta e Guzzo (2004), por considerar relevante usar um instrumento de auto-relato, que de acordo com essa teoria, é indicado a avaliar a auto-estima explícita, enquanto que os instrumentos projetivos avaliam a auto-estima implícita. Com base nessas considerações, bem como nas demais apresentadas na introdução, esse estudo foi proposto com os objetivo de buscar evidência de validade de critério concorrente entre as categorias de indicadores de auto-estima das técnicas CAT- A e HTP, correlacionando-os com a EMAE-Forma A.

CAPÍTULO III - MÉTODO

3.1 - *Participantes*

Participaram desse estudo 32 crianças de ambos os sexos, com idades entre 7 e 10 anos, sendo (3,1%; $N=1$) de sete anos, (43,8%; $N=14$) de oito anos, (31,3%; $N = 10$) de nove anos e (21,9%; $N=7$) de dez anos de idade ($M=8,72$; $DP=0,85$). Frequentando a segunda série (31,3%; $N=10$), a terceira (43,8%; $N=14$) e a quarta série (25%; $N=8$) do ensino fundamental de uma escola da rede pública do interior do Estado de São Paulo. Considerando o total da amostra, 15 (46,9%) crianças eram do sexo masculino e 17 (53,1%) do feminino. As crianças que participaram desta pesquisa foram voluntárias e sem patologias graves que pudessem comprometer a realização dos testes.

3.2 – *Instrumentos*

O Teste de Apercepção Infantil com Figuras de Animais - Children's Apperception Test - CAT-A. (Bellak & Bellak, 1949 / 1991) - é composto por uma série de 10 pranchas com figuras de animais em várias situações humanas. Destina-se a crianças de 3 a 10 anos de ambos os sexos e é analisado a partir de 10 variáveis, propostas pelos autores do teste conforme explicitado na introdução desse trabalho, que devem ser observadas em cada história.

Nessa pesquisa foram criadas categorias de indicadores de auto-estima a partir da proposta de interpretação dos aspectos gerais da personalidade de Bellak & Bellak (1949 /

1991) e Tardivo (1992). Considerou-se, na elaboração desses indicadores, os pressupostos de auto-estima de diversos autores que relacionam esse construto com as atitudes que o indivíduo tem em relação as suas qualidades e capacidades, se promovem auto-aceitação, auto-respeito e autoconfiança baseados numa avaliação realista e consideram as interações sociais e o núcleo familiar como determinantes na formação da auto-estima do indivíduo (James, 1890; Cooley, 1902; Mead, 1934; Coopersmith, 1967; Weiner, 1998; Sendín, 1999).

Portanto elaborou-se quatorze indicadores que pudessem analisar o nível da auto-estima, sendo sete relacionados à elevada e sete à rebaixada:

Identificação com heróis e personagens – verifica-se o quanto o sujeito se identifica com o herói ou personagem com características positivas, como por exemplo: bonito, corajoso, capaz, adequado. De que forma o indivíduo se percebe e se suas atitudes em relação às suas qualidades e capacidades promovem auto-aceitação, auto-respeito e autoconfiança baseados numa avaliação realista. Nesse caso o indivíduo se aprova e se sente bem consigo mesmo e com os valores que adotou para si, ou seja não há conflitos graves e sim harmonia entre o comportamento, os sentimentos e os padrões sociais. Em contrapartida quando a *Identificação é com heróis e personagens com características negativas*, como por exemplo: inferiores, incapazes, auto-imagem negativa, indicando sentimentos de desaprovação, observa-se conflitos entre o comportamento, os sentimentos e os padrões sociais.

Introdução de objetos, figuras e circunstâncias positivas – registra-se que tipo de objetos, figuras ou circunstâncias a criança introduz nas histórias, já que são muito significativas, uma vez que estas não estão representadas na gravura. São consideradas positivas certas circunstâncias externas, como por exemplo aceitação, compreensão, afeto, controles adequados e boas expectativas associados aos personagens e objetos introduzidos. Entretanto quando a *Introdução de objetos e figuras é negativa* como no caso de

sentimentos de insegurança, rejeição, desvalorização, inutilidade relacionados aos personagens e objetos introduzidos, indicam o tipo de mundo em que a criança acredita estar vivendo.

Concepção do ambiente e figuras – verifica-se como a criança percebe o seu ambiente, as figuras ao seu redor e como reage a elas, ou seja, a qualidade das relações objetais. Quando a percepção é positiva, sente-se valorizado, acolhido, seguro, compensado. Contrariamente se a *Concepção do ambiente e figuras são negativas*, ou seja, as relações geram inseguranças, são inadequadas, não oferecem apoio e tanto as pessoas como o ambiente são desvalorizados, falam de suas necessidades e carências nesse sentido.

Natureza das ansiedades – é importante identificar as principais ansiedades, pois apontam para o tipo de defesas que as crianças utilizam para lidar com as mesmas. Quando positivas são advindas de expectativas e exigências adequadas, proporcionando crescimento, aprovação e busca de solução adequada. Contrariamente se a *Natureza das ansiedades* advem do medo da perda do amor, desaprovação, abandono, falta de apoio, a criança sente-se incompetente para realizar coisas, arriscar apresentando conseqüentemente a auto-estima rebaixada.

Defesas positivas – são aquelas utilizadas para lidar de forma adequada com os estímulos internos e externos. Por meio dos mecanismos de defesa o indivíduo evita as ameaças ao equilíbrio do ego, representadas pela ansiedade. Quando o indivíduo usa *Defesas negativas* demonstra que não consegue lidar de maneira adequada com as ansiedades, indicando sentimentos de inadequação e insegurança para lidar com os estímulos internos e externos.

Integração do Ego, autopercepção positiva na trama da história - verifica-se quando a criança é capaz de conciliar os impulsos e exigências da realidade, de um lado,

com as ordens do superego, de outro, conseguindo uma solução adequada dos problemas. Entretanto se demonstra uma *Autopercepção negativa na trama da história* sente-se incapaz para solucionar os problemas e muitas vezes adota padrões alheios às circunstâncias e aos seus interesses com o propósito de ser aceito e aprovado pelo outro.

Desfecho da história positivo – é importante verificar se a criança consegue concluir a história encontrando solução dos conflitos de forma adequada, completa e realista, ou se o *Desfecho da história é negativo* – no qual o indivíduo não consegue uma saída adequada para os problemas.

Desenho da Casa-Árvore-Pessoa (H-T-P House-Tree-Person) Buck, (1964 / 2003) - é usado pelos psicólogos para obter informações sobre como a pessoa experiencia sua individualidade em relação aos outros e ao ambiente. Esse teste é mais indicado para indivíduos acima de 8 anos de idade, pode ser realizado de forma acromática ou cromática e inclui duas fases distintas. A primeira é não-verbal criativa e consiste na execução dos desenhos da casa, árvore e pessoa, no segundo momento a criança terá a oportunidade de falar sobre sua produção por meio do protocolo de inquérito. Para este estudo optou-se por aplicar somente a forma acromática, sem o inquérito por ser mais adequada ao tempo dessa pesquisa. Os itens interpretativos que compõem o teste são: aspectos gerais dos desenhos como proporção, perspectiva, margens do papel, quadrantes da folha, rasuras, linha de solo, qualidade da linha, transparências, sombreamento e os aspectos estruturais de cada desenho como: detalhes essenciais, excessivos, não essenciais, irrelevantes, bizarros, ênfase, omissão e proporção dos detalhes, movimento, posição, tratamento especial a alguma parte.

Considerando o objetivo dessa pesquisa, também foram elaborados para o HTP categorias de indicadores de auto-estima baseados nos itens interpretativos de Buck (1964 / 2003), que pudessem ser relacionados com os conceitos de auto-estima enfocados na parte

introdutória desse estudo. Portanto criou-se vinte e dois indicadores para verificar aspectos da personalidade da criança que indicassem o nível da auto-estima, sendo onze relacionados à auto-estima elevada e onze à rebaixada:

Tamanho das figuras (médio 1/3 a 2/3 da folha) – de acordo com o esperado;

Tamanho pequeno das figuras – insegurança, retraimento, descontentamento, regressão;

Localização do desenho a direita da folha – indica comportamento estável, capacidade de adiar a satisfação de suas necessidades e impulsos imediatos;

Localização do desenho a esquerda da folha ou na parte inferior – retraimento, regressão, impulsividade, necessidade de gratificação imediata, insegurança e inadequação;

Detalhes essenciais em todos os desenhos – indicam índice de reconhecimento, de interesse e de reação aos elementos da vida diária;

Detalhes irrelevantes (arbustos excessivos, pássaros, animal doméstico) – insegurança ou uma necessidade de estruturação da situação de maneira mais segura;

Qualidade da linha (média, lápis no.2) – de acordo com o esperado;

Qualidade da linha leve em todo o desenho – hesitação, medo, insegurança, força do ego fraca;

Proporção adequada da porta, comparada ao desenho – nível de contato com a realidade adequado;

Porta pequena – reserva, inadequação, indecisão e relutância em fazer contatos;

Raízes esboçadas ou representadas sem muita ênfase – bom contato com a realidade, satisfação e a estabilidade das forças da personalidade;

Raízes omitidas (sem indicação ou esboço de raízes, ou seja, o tronco parece estar cortado) - insegurança;

Tronco da árvore regular – adequação para lidar com o ambiente, equilíbrio da personalidade;

Tronco da árvore longo – regressão e inadequação;

Proporção adequada da cabeça – satisfação adequada na busca de conhecimento e fantasia;

Cabeça pequena - inadequação;

Braços e mãos presentes e adequados ao tamanho da figura – contato social adequado;

Braços ou mãos omitidos ou muito pequenos – culpa, inadequação, rejeição e relutância para estabelecer contatos sociais;

Proporção adequada das pernas e pés – esforço adequado na busca de autonomia e independência ;

Pernas ou pés omitidos, diminuídos, cortados – desamparo, perda de amor, sentimento de constrição e dependência;

Posição do corpo estável - segurança, adequação;

Posição do corpo instável – insegurança, dependência.

Essas características que serão observadas nos desenhos e orientam a compreensão dos aspectos que estão relacionados à auto-estima.

Escala Multidimensional de Auto-Estima (EMAE Forma-A), (Gobitta e Guzzo,2004) -destina-se a crianças de 1^a. à 4^a. séries do ensino fundamental. É composta por 56 itens, com alternativas ilustradas por cinco “faces” que expressam a graduação ou intensidade da resposta – Não tem nada a ver comigo; Tem um pouco a ver comigo; Tem mais ou menos a ver comigo; Tem a ver comigo; Tem muitíssimo a ver comigo.

3.3 - Procedimento

Após contato com escola da rede pública de uma cidade do interior do Estado de São Paulo, cujo responsável pela instituição autorizou a coleta de dados, o projeto foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade São Francisco (Anexo VII). Posteriormente a professora de classe e a coordenadora pedagógica foram entrevistadas com o intuito de informarem sobre a habilidade de leitura dos participantes e se havia crianças que apresentavam alguma alteração perceptual importante que pudesse comprometer a realização dos testes. Em seguida os responsáveis pelas crianças selecionadas, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo VI). As crianças que concordaram em participar foram encaminhadas às sessões de avaliação individual e coletiva na própria instituição de ensino, no seu período de aula. Os instrumentos foram aplicados em duas sessões.

Inicialmente a criança era informada pela pesquisadora sobre o procedimento de aplicação dos testes, em seguida o C.A.T foi aplicado individualmente em uma sessão com duração de 60 minutos na maioria dos casos. Conforme a recomendação de aplicação de Hirsch (1987), foi dada a seguinte instrução: “Vou mostrar para você algumas pranchas; queria que você me fizesse uma história com cada uma delas, na qual você me diga o que aconteceu antes, o que está acontecendo agora, e o que acontecerá depois”. (p.150). As pranchas foram apresentadas uma após a outra, seguindo a seqüência estabelecida no manual do teste; e as histórias foram anotadas literalmente, bem como os comentários feitos pelos sujeitos. O inquérito foi utilizado no final das histórias para pedir esclarecimentos sobre o que o sujeito disse, ou para estimular a criança a fazer mais associações.

O H-T-P e EMAE foram aplicados em duplas ou individualmente, com duração média de 30 minutos, por uma psicóloga que auxiliou na coleta de dados. No caso do teste H.T.P, a criança recebeu uma folha de papel sulfite na posição horizontal, um lápis preto n.02 e borracha. O aplicador deu a seguinte orientação: “Eu quero que você desenhe uma casa. Você pode desenhar o tipo de casa que quiser. Faça o melhor que puder. Você pode apagar o quanto quiser e pode levar o tempo que precisar. Apenas faça o melhor possível” (Buck, 2003, p. 6). Quando a criança demonstrou preocupação com sua produção gráfica, enfatizou-se que não era um teste para verificar habilidades artísticas. Explicou-se ainda, que a tarefa deveria ser realizada a mão livre sem o auxílio de instrumentos como régua, compasso e etc. Para os desenhos da árvore e da figura humana, a criança recebeu uma folha de sulfite na vertical para cada desenho com as mesmas instruções do anterior. Quanto à figura humana, depois que a criança terminou o desenho pediu-se para que fizesse outra do sexo oposto à que foi desenhada, conforme sugerido no manual do teste.

Em relação ao EMAE, sua aplicação poderia ser coletiva, mas optou-se em aplicá-la individualmente ou em duplas, ao constatar-se que a maioria das crianças expressou dificuldades na leitura e compreensão dos itens. A criança foi instruída que -

Este questionário se constitui de 56 afirmações sobre situações que podem ou não acontecer com você, pode também dizer de sentimentos que você pode ou não sentir, ou de jeitos que você pode ou não ter. Você deve ler atentamente cada uma das afirmações e dar pontos para o quanto esta afirmação se parece com você. Para isso assinale um X na coluna ao lado de cada afirmação em cima de um número de 1 a 5 da seguinte forma [explicou-se o exemplo a criança – anexo I]. Nesse exemplo, a pessoa assinalou a afirmação 1 “Gosto de conversar com meus amigos”, porque achou que isto tem muito a ver com ela, pois ela gosta de conversar com seus amigos. Na afirmação 2 “sou engraçado (a)” ela assinalou 1, porque achou que

não tem nada a ver com ela, pois não se acha engraçada. Essa não é uma prova, não há respostas certas ou erradas. É importante você responder com sinceridade. A resposta simplesmente descreve como você se sente e o que pensa a seu respeito. Suas escolhas, portanto, devem ser feitas em função de como você se sente hoje (Gobitta, 2004, anexo IX).

Para assegurar maior confiabilidade nos resultados e também para verificar a precisão nas análises do CAT, os protocolos dos sujeitos foram submetidos à análise de dois juizes independentes e cegos quanto aos resultados do HTP e do EMAE. Para suas análises utilizaram a ficha de avaliação criada para esse estudo, contendo os indicadores selecionadas para avaliar auto-estima (anexo II). Posteriormente esses dados foram transpostos, pelos avaliadores, para uma tabela (anexo III) que reagrupa os indicadores conforme seu significado (auto-estima rebaixada ou elevada). Cada sujeito recebeu um ponto positivo em cada categoria toda vez que em mais da metade das histórias houve um predomínio de indicadores de auto-estima elevada. Contrariamente, sempre que na maioria das histórias predominavam os indicadores para baixa auto-estima, atribuíam-se um ponto negativo. Para caracterizar o nível da auto-estima de cada criança foi criada outra medida, produto da soma dos itens relacionados a auto-estima elevada e rebaixada, a saber: atribuiu-se zero quando a soma dos indicadores relacionados a auto-estima rebaixada era maior comparada ao escore total dos indicadores relacionados a auto-estima elevada. Inversamente, atribuiu-se um quando a soma dos itens relacionados a auto-estima elevada era mais alta.

O H-T-P foi avaliado somente pela pesquisadora, de acordo com as categorias de indicadores especificados no (anexo IV), criados para essa pesquisa. Da mesma forma que o teste anterior, foi atribuído um ponto positivo para a presença dos indicadores referentes à auto-estima elevada e um ponto negativo para a presença dos itens referentes a auto-

estima rebaixada (anexo V). Os indicadores que deveriam ser verificados em todos os desenhos, foram pontuados quando apareceram em mais da metade dos mesmos. Assim como no CAT-A, pontuou-se zero quando os resultados eram mais altos no nível de auto-estima rebaixada e um para pontuação maior no nível de auto-estima elevada.

Quanto a EMAE, também analisada pela pesquisadora, seguiu-se as orientações da autora da escala. Pontuou-se de acordo com o número referente a resposta dada pela criança, exceto as respostas dos 23 itens negativos (2, 6, 7, 14, 15, 16, 17, 21, 26, 27, 28, 30, 33, 34, 36, 38, 39, 42, 43, 44, 45, 46, 50). Quando o sujeito respondeu a esses itens com a resposta equivalente ao valor 5, pontuou-se 1; quando respondeu 4, pontuou-se 2, quando respondeu 3, pontuou-se 3, quando respondeu 2, pontuou-se 4 e quando respondeu 1, pontuou-se 5. O total máximo para a escala geral é de 280 pontos e o mínimo de 56.

IV – RESULTADOS

Os resultados serão apresentados em três etapas para melhor compreensão dos dados obtidos. Inicialmente serão apresentados os índices de precisão entre avaliadores dos indicadores da auto-estima no CAT-A, na seqüência serão demonstradas as correlações encontradas entre os indicadores de auto-estima no CAT-A, no HTP e EMAE-A, e finalmente serão apresentadas as análises de variância do CAT-A com a EMAE-A e a correlação desta com o HTP, a fim de se averiguar a existência de evidência de validade de critério concorrente para o CAT-A e HTP. A seguir serão apresentados os dados dos instrumentos obtidos mediante as análises dos resultados dos sujeitos dessa pesquisa.

No que diz respeito aos resultados encontrados nos indicadores de auto-estima do CAT-A pelos avaliadores, optou-se por padronizar um escore único entre os mesmos para que as análises com os outros testes pudessem ser feitas utilizando a pontuação dos dois juízes. Para tanto, atribuiu-se zero quando havia concordância quanto a auto-estima rebaixada, um ponto para discordância e dois para concordância quanto a auto-estima elevada, conforme pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1 – Frequência da concordância e discordância na pontuação dos indicadores de auto-estima do CAT-A entre os avaliadores A e B

Pontuação entre avaliadores A e B	F	%
0 - Concordância nos indicadores negativos	5	15,6
1 - Discordância	2	6,3
2 - Concordância nos indicadores positivos	25	78,1
Total	32	100,0

Os resultados da Tabela 1 mostram que entre os avaliadores houve concordância na pontuação dos indicadores de auto-estima elevada (78,1%, $N = 25$), revelando uma predominância desse nível de auto-estima nessa amostra, enquanto que o índice dos indicadores relacionados a auto-estima rebaixada foi pequeno (15,6%, $N= 5$) e a discordância entre os juízes foi de (6,3%, $N= 2$). É importante destacar que esse resultado padronizado encontrado por meio da concordância e discordância entre os juizes na pontuação dos indicadores de auto-estima elevada e rebaixada, mencionado acima, será utilizado nas correlações do CAT-A com os outros instrumentos.

Quanto ao teste HTP, além da correção por item, foi criada outra medida, produto da soma dos itens relacionados à auto-estima elevada e rebaixada, a saber: atribuiu-se zero quando a soma da presença dos itens era maior no nível de auto-estima rebaixada e um quando o total de presença dos indicadores era maior na auto-estima elevada (Figura 1).

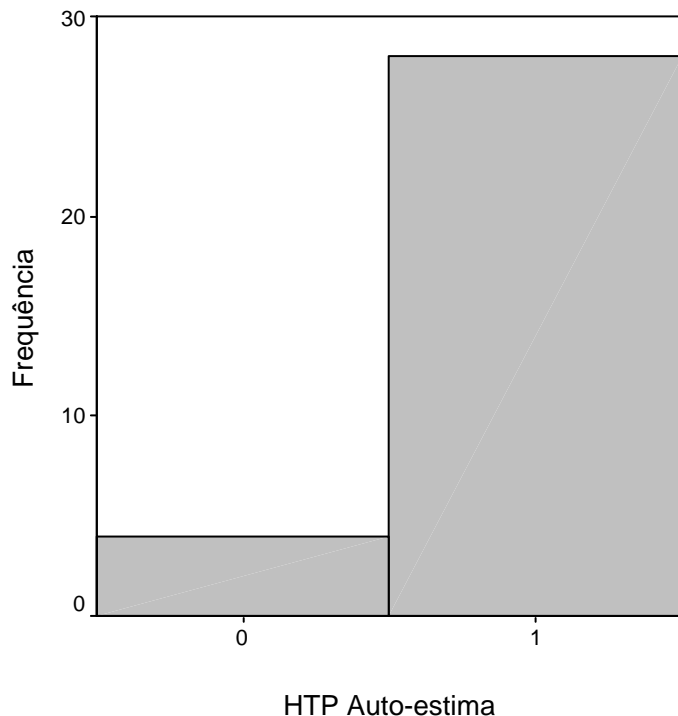


Figura 1 – HTP resultado da pontuação do nível de auto-estima

De acordo com os dados da Figura 1, nota-se que a maioria dos sujeitos dessa pesquisa apresentou auto-estima elevada no HTP (87,5%, N=28), enquanto (12,5%, N=4) demonstrou auto-estima rebaixada. Esses dados são coerentes com os resultados observados no CAT-A, descritos acima.

Considerando-se que a escala EMAE-A não apresenta estudo de normatização que indica a pontuação discriminante de auto-estima elevada e rebaixada, buscou-se por meio dos resultados obtidos pelas crianças dessa pesquisa, verificar o nível de auto-estima do grupo avaliado pelo EMAE-A, conforme Figura 2.

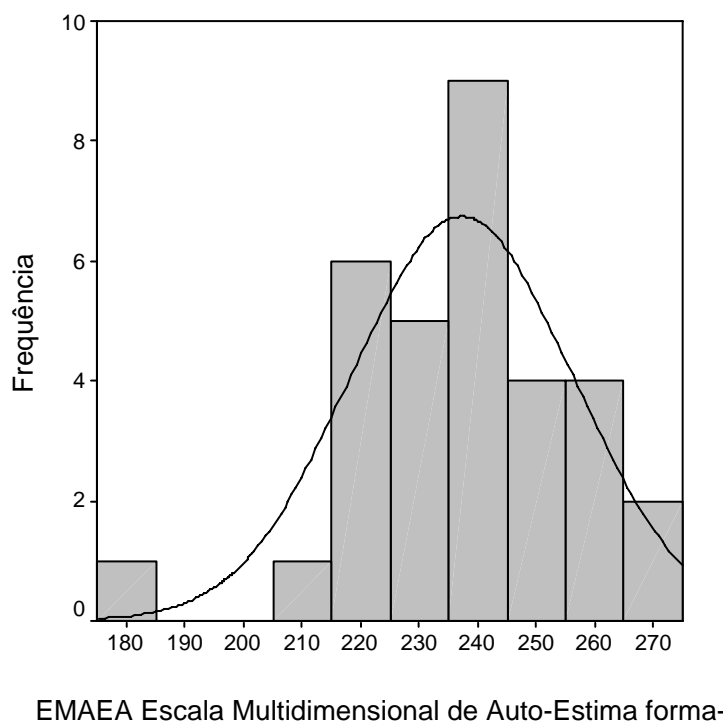


Figura 2 – Frequência das pontuações dos sujeitos no EMAE-A

De acordo com a Figura 2 os escores dos sujeitos dessa pesquisa apresentados no EMAE-A, indicam uma média de 237,31 e desvio padrão de 18,89, com pontuação mínima de 180 e máxima de 274, sendo que a maior pontuação dessa escala é de 280 pontos e a menor de 56 pontos. Observa-se que há uma concentração de indivíduos entre a pontuação 220 e 260 que abrange 93,8% da amostra. Considerando a média do grupo, pode-se constatar que 53,1% dos sujeitos ficaram acima da média do grupo e 46,9% abaixo.

CAT-A - Estudo de Precisão entre avaliadores

A primeira parte dos resultados referente a precisão entre os avaliadores no CAT-A, consistiu na análise da pontuação dos indicadores em cada protocolo. Quando o indicador com significado de auto-estima elevada foi detectado em mais da metade das histórias, recebeu um ponto, contrariamente, sempre que indicou rebaixamento da auto-estima na maioria das histórias, recebeu zero. Por meio dessa pontuação foi realizada a correlação de *Pearson* entre a pontuação atribuída pelo avaliador A e o avaliador B em cada indicador de auto-estima elevada e rebaixada, conforme pode ser observado na Tabela 2 e 3.

Tabela 2 – Coeficientes de correlação de Pearson entre o juiz A e o juiz B em indicadores de auto-estima elevada do CAT-A.

Juiz B – Indicadores de auto-estima elevada no CAT-A								
		Identif. Com heróis positiva IHP	Introd. objetos e figuras positiva IOFP	Concep. ambient. e fig. positiva CAFP	Natur. ansied. mobiliza cresc. NAMC	Defesas positivas DP	Integr. do ego positiva IEP	Desf. da história positivo DHP
Juiz A								
Identif. heróis positiva IHP	<i>r</i>	0,475**	0,169	-0,232	-0,169	-0,217	-0,068	0,475**
	<i>P</i>	0,006	0,356	0,202	0,356	0,233	0,712	0,006
Introd. de obj. fig. positiva IOFP	<i>r</i>	0,189	0,438*	0,258	-0,188	-0,191	0,189	0,378*
	<i>P</i>	0,300	0,012	0,154	0,303	0,295	0,300	0,033
Concep. ambiente figuras positiva CAFP	<i>r</i>	-0,048	0,308	0,618**	0,197	0,168	0,333	-0,048
	<i>P</i>	0,796	0,087	0,000	0,279	0,357	0,062	0,796
Natureza ansied. mobiliza cresc. NAMC	<i>r</i>	0,018	-0,187	-0,037	0,471**	0,298	0,304	0,018
	<i>P</i>	0,923	0,306	0,842	0,007	0,098	0,091	0,923
Defesas positivas DP	<i>r</i>	-0,184	-0,030	-0,054	0,588**	0,756**	0,236	-0,184
	<i>P</i>	0,314	0,869	0,770	0,000	0,000	0,193	0,314
Integr. do Ego pos. IEP	<i>r</i>	-0,122	0,302	0,249	0,342	0,266	0,851**	0,203
	<i>P</i>	,507	,093	,169	,055	,141	,000	,266

Desf. da história positivo DHP	<i>r</i>	,203	,302	-,194	,128	,048	,203	,851(**)
	<i>P</i>	,266	,093	,288	,487	,795	,266	,000
	<i>N</i>	32	32	32	32	32	32	32

(**) Correlação significativa no nível $p < 0,01$.

Legenda: IHP: Identificação com heróis e personagens positiva; IOFP: Introdução de objetos e figuras positiva; CAFP: Concepção do ambiente e figuras positiva; NAMC: Natureza das ansiedades mobiliza crescimento; DP: Defesas positivas; IEP: Integração do ego positiva; DHP: Desfecho da história positivo.

Os resultados apresentados na Tabela 2 indicam que houve correlação positiva entre os avaliadores em todos os indicadores relacionados à auto-estima elevada. As correlações mais altas foram encontradas em quatro indicadores: integração do Ego - autopercepção positiva na trama da história, solução adequada dos problemas (IEP); desfecho da história positivo (DHP) ($r = 0,851$) respectivamente; defesas que mostram habilidades para lidar com estímulos internos e externos (DP) ($r = 0,756$); concepção do ambiente e figuras - percepção positiva, sente-se valorizado, acolhido, seguro, compensado (CAFP) ($r = 0,618$), e três indicadores apresentaram correlação positiva moderada: natureza das ansiedades que mobilizam crescimento, busca de solução adequada (NAMC) ($r = 0,471$); introdução de objetos, figuras e circunstâncias positivas (IOFP) ($r = 0,438$) e identificação com heróis e personagens - bonito, corajoso, capaz, adequado, auto-imagem positiva (IHP) ($r = 0,475$). Esses dados revelam que os indicadores para verificar auto-estima elevada no teste CAT-A apresentam boa precisão pelo sistema de avaliadores. Finalmente na Tabela 3 pode-se observar a correlação dos indicadores de auto-estima rebaixada entre os juízes.

Tabela 3 - Coeficientes de correlação de Pearson entre o juiz A e o juiz B em indicadores de auto-estima rebaixada do CAT-A.

Juiz B - Indicadores de auto-estima rebaixada no CAT-A								
		Ident. com heróis negativa IHN	Introd. objetos e fig. negativa IOFN	Concep. ambient. e fig. negativa CAFN	Natur. das ansied. negativa NAN	Defesas negativas DN	Autoperc. Negativa trama da história ANTH	Desf. da hist. negativo DHN
Juiz A								
Ident. heróis negativa IHN	<i>r</i>	-0,046	0,287	-0,130	0,266	0,130	-0,046	-0,046
	<i>P</i>	0,801	0,111	0,478	0,141	0,478	0,801	0,801
Introd. obj. fig. negativa IOFN	<i>r</i>	0,033	0,569**	0,157	0,493**	0,108	0,293	0,033
	<i>P</i>	0,860	0,001	0,389	0,004	0,557	0,104	0,860
Concep. amb. fig. negativa CAFN	<i>r</i>	0,067	0,520**	0,527**	0,453**	0,289	0,333	0,067
	<i>P</i>	0,717	0,002	0,002	0,009	0,109	0,062	0,717
Natur. ansied. negativa NAN	<i>r</i>	-0,085	0,941	0,555	0,052	0,356	0,306	0,644
	<i>P</i>	,644	,941	,555	,052	,356	,306	,644
Defesas negativas DN	<i>r</i>	0,083	-0,037	-0,219	-0,014	0,444*	0,083	0,083
	<i>P</i>	0,651	0,840	0,229	0,937	0,011	0,651	0,651
Autoperc. negativa trama história ANTH	<i>r</i>	-0,046	0,287	0,248	0,266	0,130	0,696**	-0,046
	<i>P</i>	0,801	0,111	0,171	0,141	0,478	0,000	0,801

Desfecho da hist. negativo DHN	<i>r</i>	-0,046	0-,112	0-,130	0-,121	-0,248	-0,046	0,696**
	<i>P</i>	0,801	0,540	0,478	0,509	0,171	0,801	0,000
	<i>N</i>	32	32	32	32	32	32	32

(* *) Correlação significativa no nível $p < 0,01$.

Legenda: IHN: Identificação com heróis e personagens negativa; IOFN: Introdução de objetos e figuras negativa; CAFN: Concepção do ambiente e figuras negativa; NAN: Natureza das ansiedades negativa; DN: Defesas negativas; ANTH: Autopercepção negativa na trama da história; DHN: Desfecho da história negativo.

Quanto aos indicadores para verificar auto-estima rebaixada, conforme Tabela 3, os resultados demonstram que houve correlação positiva entre os avaliadores em cinco itens. As correlações mais altas foram encontradas em dois indicadores: autopercepção negativa na trama da história, incapacidade para solucionar os problemas (ANTH) e desfecho da história negativo (DHN) ($r = 0,696$) respectivamente. Verificou-se correlação positiva moderada nos indicadores: defesas que demonstram inadequação, insegurança para lidar com estímulos internos e externos (DN) ($r = 0,444$); concepção do ambiente e figuras – relações inseguras inadequadas, sem apoio, figuras desvalorizadas (CAFN) ($r = 0,527$) e introdução de objetos e figuras que sugerem insegurança, rejeição (IOFN) ($r = 0,569$). De acordo com os resultados os indicadores: identificação com heróis e personagens inferiores, incapazes, auto-imagem negativa (IHN) e natureza das ansiedades – medo da perda do amor, desaprovação, abandono, falta de apoio (NAN), não apresentaram concordância positiva entre os juízes, por causa da baixa pontuação dos mesmos.

Para verificar o grau de concordância entre os juízes quanto ao nível da auto-estima encontrado em cada protocolo, utilizou-se a medida padronizada, descrita na Tabela 1,

produto da concordância e discordância na pontuação das categorias de indicadores de auto-estima elevada e rebaixada (Tabelas 4 e 5).

Tabela 4 – Coeficiente de correlação de Pearson entre o escore total dos avaliadores A e B em indicadores de auto-estima elevada no CAT-A.

		CAT Avaliador A Auto-Estima Elevada	CAT Avaliador B Auto-Estima Elevada
CAT Avaliador A Auto-Estima Elevada	<i>r</i>	1	0,834**
	<i>P</i>	.	0,000
CAT Avaliador B Auto-Estima Elevada	N	32	32
	<i>r</i>	0,834**	1
	<i>P</i>	0,000	.
	N	32	32

De acordo com os resultados demonstrados na Tabela 4, pode-se observar que há uma correlação positiva e alta ($r = 0,834$) na caracterização do nível de auto-estima da amostra estudada, pelos juízes, indicando concordância no total da pontuação dos itens referentes a estima elevada.

Tabela 5 – Coeficiente de correlação de Pearson entre o escore total dos avaliadores A e B em indicadores de auto-estima rebaixada no CAT-A.

		CAT Avaliador A Auto-Estima Rebaixada	CAT Avaliador B Auto-Estima Rebaixada
CAT Avaliador A Auto-Estima Rebaixada	<i>r</i>	1	0,616**
	<i>P</i>	.	0,000
	<i>N</i>	32	32
CAT Avaliador B Auto-Estima Rebaixada	<i>r</i>	0,616**	1
	<i>P</i>	0,000	.
	<i>N</i>	32	32

Por meio dos dados apresentados na Tabela 5 pode-se constatar que no escore total dos indicadores relacionados a auto-estima rebaixada, encontrou-se correlação positiva e significativamente moderada ($r = 0,616$) entre os avaliadores.

Correlação entre o CAT-A e o HTP

Para verificar a concordância da variável auto-estima no CAT-A e HTP, correlacionou-se o resultado obtido da padronização da pontuação dos dois avaliadores em cada indicador do CAT com o resultado de auto-estima no HTP (Tabela 6).

Tabela 6 – Coeficiente de correlação de Pearson entre as variáveis de auto-estima do CAT e o resultado de auto-estima do HTP.

		CAT Identificação com heróis negativa IHN	CAT Introdução de objetos e figuras negativa IOFN	CAT Natureza das ansiedades mobiliza crescimento NAMC	CAT Natureza das ansiedades negativa NAN
HTP Resultado da Auto- Estima	<i>r</i>	-0,527**	-0,578**	0,402*	-0,506**
	<i>P</i>	0,002	0,001	0,022	0,003
	<i>N</i>	32	32	32	32

(* *) Correlação significativa no nível $p < 0,01$.

De acordo com a Tabela 6 o resultado de auto-estima no HTP apresentou correlação negativa e significativamente moderada com três indicadores de auto-estima no CAT, identificação com heróis e personagens inferiores, incapazes, auto-imagem negativa (IHN) ($r = -0,527$); introdução de objetos e figuras que sugerem insegurança, rejeição (IOFN) ($r = -0,578$) e natureza das ansiedades – medo da perda do amor, desaprovação, abandono, falta de apoio (NAN) ($r = -0,506$), enquanto que com indicador: natureza das ansiedades que mobilizam crescimento, busca de solução adequada (NAMC), manteve correlação positiva ($r = 0,402$). Quanto as correlações negativas, entende-se que as pessoas que tiveram pontuações altas nas variáveis negativas referentes ao nível de auto-estima rebaixada no CAT, tiveram no HTP uma baixa pontuação no nível da auto-estima rebaixada.

Utilizando-se o escore total da medida padronizada dos avaliadores no CAT-A e o resultado de auto-estima no HTP, realizou-se a correlação entre os resultados desses dois instrumentos para verificar se os mesmos são sensíveis para avaliar a auto-estima, conforme pode ser observado na Tabela 7.

Tabela 7 – Coeficiente de correlação de Pearson entre o escore total dos avaliadores A e B no CAT-A e o escore total do HTP.

		CAT Escore total dos juízes	HTP Resultado da Auto-Estima
CAT – Escore total dos juízes	<i>r</i>	1,000	0,575**
	<i>P</i>	,	0,001
	N	32	32
HTP – Resultado da Auto-Estima	<i>r</i>	0,575**	1,000
	<i>P</i>	0,001	,
	N	32	32

No que concerne a variável auto-estima, de acordo com a Tabela 7 constatou-se que há uma correlação positiva e moderada ($r = 0,575$) entre o CAT-A e HTP, o que indica que os indicadores de auto-estima destacados para os dois instrumentos permitem com boa margem de confiança verificar esse aspecto da personalidade infantil.

Correlação entre o CAT-A e EMAE-A

Considerando o resultado do grupo dessa pesquisa no EMAE, verificou-se a concordância entre os dados dessa escala e os resultados dos indicadores de auto-estima do CAT-A, apresentados na Tabela 8.

Tabela 8 – Coeficiente de correlação de Pearson entre os indicadores de auto-estima do CAT-A e o escore total EMAE-A

		CAT Introdução Objetos e figuras positiva IOFP	CAT Defesas negativas DN	CAT Desfecho da história positivo DHP
EMAE-A Escore total	<i>r</i>	0,372*	0,353*	0,525**
	<i>P</i>	0,036	0,047	0,002
	N	32	32	32

Na Tabela 8, nota-se que há concordância positiva entre a EMAE e três indicadores do CAT, sendo que o indicador: desfecho da história positivo (DHP) indica uma concordância moderada ($r = 0,525$) e os indicadores: introdução de objetos, figuras e circunstâncias positivas (IOFP) ($r = 0,372$) e defesas que demonstram inadequação, insegurança para lidar com estímulos internos e externos (DN) ($r = 0,353$) apresentam uma concordância positiva e baixa com o EMAE.

Em seguida aplicou-se a análise de variância ANOVA entre o EMAE e os grupos: 0, 1 e 2 de pontuação do CAT para verificar a diferença de médias entre esses grupos e a EMAE (Tabela 9).

Tabela 9 – Análise de variância ANOVA para verificar as diferenças de médias entre os grupos 0, 1, 2 de pontuação do CAT e o escore total do EMAE.

		<i>gl</i>	<i>F</i>	<i>P</i>
EMAEA Escore total CAT- Introdução de objetos e figuras positiva - IOFP	Entre grupos 0, 1 e 2	2	6,06	0,006
		29		
	Total	31		
EMAEA Escore total CAT- Integração do ego positiva - IEP	Entre grupos 0,1 e 2	2	4,76	0,016
		29		
	Total	31		
EMAEA Escore total CAT- Desfecho história positivo - DHP	Entre grupos 0, 1 e 2	2	5,89	0,007
		29		
	Total	31		

Legenda: Entre grupos de pontuação do CAT-A, 0: Concordância entre os juízes nos indicadores de auto-estima rebaixada, 1: Discordância, 2: Concordância nos indicadores de auto-estima elevada.

Os dados observados na Tabela 9 indicam que entre a EMAE e os grupos de pontuação do CAT, houve diferenças de médias significativas em apenas três indicadores de auto-estima positiva: Integração do Ego – autopercepção positiva na trama da história, solução adequada dos problemas (IEP) ($F=4,76$ $P = 0,016$), Desfecho da história positivo (DHP) ($F=5,89$ $P=0,007$) e Introdução de objetos, figuras e circunstâncias positivas (IOFP) ($F=6,06$ $P=0,006$), sendo que a discriminação entre as médias foi constatada no grupo 2 que se refere a pontuação da concordância entre os avaliadores nos indicadores de auto-estima elevada.

Finalmente fez-se a correlação da escala EMAE com o resultado padronizado obtido entre os dois juízes no CAT, a fim de verificar o grau de concordância entre esses dois instrumentos (Tabela 10).

Tabela 10 – Coeficiente de correlação de Pearson entre o resultado de auto-estima do CAT e a EMAE

		EMAE Resultado da auto-estima	CAT Resultado da auto-estima
EMAE Resultado da auto-estima	<i>r</i>	1,000	0,381*
	<i>P</i>	,	0,031
CAT Resultado da auto-estima	<i>r</i>	0,381*	1,000
	<i>P</i>	0,031	,
	N	32	32

Na Tabela 10, nota-se que há uma correlação positiva e baixa ($r = 0,381$) entre o resultado de auto-estima no instrumento projetivo CAT e os índices de auto-estima encontrados na escala de auto-relato EMAE.

Correlação dos resultados de auto-estima do HTP com a EMAE

Finalizando as análises estatísticas fez-se a correlação entre o resultado de auto-estima no HTP e os dados de auto-estima no EMAE-A, com o intuito de verificar se esses dois testes avaliam a auto-estima da mesma forma (Tabela 11)

Tabela 11 – Coeficiente de correlação de Pearson entre o resultado de auto-estima no HTP e EMAE-A

		HTP Resultado Auto-Estima	EMAE-A Resultado Auto-Estima
HTP Resultado Auto-Estima	<i>r</i>	1,000	0,077
	<i>P</i>	,	0,673
EMAE-A Resultado Auto-Estima	<i>r</i>	0,077	1,000
	<i>P</i>	0,673	,
	N	32	32

Por meio dos resultados demonstrados na Tabela 11 pode-se constatar que não foram encontradas correlações significativas entre os dados de auto-estima encontrados no HTP e o resultado do EMAE-A.

Em seguida será apresentada uma discussão dos resultados encontrados na presente pesquisa.

V – DISCUSSÃO

As técnicas projetivas fornecem uma amplitude de informações que variam de indivíduo para indivíduo. Desta forma, a maneira como o sujeito percebe e interpreta o material do teste ou produz uma determinada tarefa, reflete aspectos fundamentais do seu funcionamento psíquico. De acordo com Bellak e Bellak (1991) “desde que se aceite a hipótese básica do fenômeno da projeção, o caso individual pode se auto-sustentar” (p. 25). Esse enfoque clínico, de acordo com Güntert (2001) tem recebido críticas por ser demasiadamente subjetivo para ser considerado ciência, tanto pela metodologia empregada, muitas vezes inconsistente, como pelo caráter extremamente singular de alguns achados. Esses autores concordam que essas técnicas permitem alcançar ambas aspirações da psicologia: apreender o singular, que possibilita atender o indivíduo em seus aspectos únicos, e ao mesmo tempo processar as informações obtidas de modo a torná-las um ponto de referência generalizável para análise e interpretação do teste.

Devido as inúmeras possibilidades de análise e a grande quantidade de informações sobre a dinâmica psíquica infantil que as técnicas projetivas CAT-A e HTP eliciam, optou-se por destacar nesse estudo um aspecto específico da personalidade, considerando que ao fazer um recorte se conseguiria maior rigor metodológico. Sendo assim, a auto-estima foi selecionada como foco dessa pesquisa para facilitar a elaboração de categorias de indicadores a serem verificados nesses instrumentos. Atentando ainda para necessidade de revisão dos instrumentos psicológicos e com intuito de contribuir para o aprimoramento dos mesmos, essa pesquisa teve por objetivo fazer um estudo de evidência de validade de critério entre as categorias de indicadores de auto-estima das técnicas projetivas CAT- A e H.T.P, correlacionando-os com o instrumento de auto-relato, EMAE – Forma A. Ao lado

disso, fez-se um estudo de precisão entre avaliadores com o propósito de dar maior confiabilidade aos resultados obtidos no CAT-A.

Para atender aos objetivos desse estudo, como já mencionado, foram elaboradas categorias de indicadores de auto-estima para as duas técnicas projetivas, CAT-A e HTP, tendo como referencial teórico os pressupostos de auto-estima e os conceitos interpretativos contidos no manual dessas técnicas. Para o CAT-A, utilizou-se ainda, a interpretação sugerida por Tardivo (1992).

Independentemente do referencial de análise adotado para o CAT-A por Bellak e Bellak (1991) e Tardivo (1992), esses autores concordam em alguns itens na análise dos aspectos dinâmicos e estruturais da história que dizem respeito à natureza dos conflitos, ansiedades, superego, maturidade do ego, principais defesas utilizadas e o nível de maturidade. Assim como no construto auto-estima, independente do modelo teórico adotado, os estudiosos James (1890), Cooley (1902), Mead (1934), Coopersmith (1967), Weiner (1998) e Sendín (1999) são unânimes em considerar as interações sociais e o núcleo familiar como determinantes na formação da auto-estima do indivíduo. Nesse sentido existe uma relação com o HTP e o CAT-A, já que estes possibilitam investigar a maneira como o indivíduo percebe o ambiente, as pessoas, como se sente e se posiciona diante delas.

É relevante enfatizar que as categorias de indicadores destacadas para as duas técnicas projetivas estão fundamentadas no referencial teórico desses testes, que têm como objetivo estudar a dinâmica das relações interpessoais, a natureza e a força dos impulsos e tendências, assim como as defesas organizadas contra eles, e ainda na conceituação da variável auto-estima. Além disso, admitiu-se a hipótese projetiva básica de que quando se apresenta uma situação com certo grau de liberdade, o indivíduo ao resolver o que é requerido pela tarefa fornece informações relativas a organização única da sua

personalidade. Valendo-se dessas considerações, buscou-se verificar se o CAT-A e o HTP são sensíveis para captar um determinado aspecto da personalidade, no caso a auto-estima.

Para verificar esse aspecto, os protocolos do CAT-A foram submetidos a avaliações por dois juízes independentes e cegos quanto aos resultados do HTP e do EMAE, sendo necessário esse procedimento em função da subjetividade que esse tipo de avaliação pode implicar. A partir do resultado dessas avaliações, buscou-se verificar a homogeneidade entre as análises dos avaliadores, primeiro nos indicadores de auto-estima elevada, constatando que há correlação positiva entre os resultados dos juízes para essa categoria de indicadores. Sendo que as correlações mais altas foram encontradas nos indicadores, integração do Ego - autopercepção positiva na trama da história, solução adequada dos problemas (IEP); desfecho da história positivo (DHP) ($r=0,851$) respectivamente; defesas que mostram habilidades para lidar com estímulos internos e externos (DP) ($r = 0,756$); concepção do ambiente e figuras - percepção positiva, sente-se valorizado, acolhido, seguro, compensado (CAFP) ($r = 0,618$), e três indicadores apresentaram correlação positiva e moderada: natureza das ansiedades que mobilizam crescimento, busca de solução adequada (NAMC) ($r = 0,471$); introdução de objetos, figuras e circunstâncias positivas (IOFP) ($r = 0,438$) e identificação com heróis e personagens - bonito, corajoso, capaz, adequado, auto-imagem positiva (IHP) ($r = 0,475$).

É importante destacar, que esses indicadores relacionados a auto-estima elevada convergem com a teoria que fundamenta o CAT, pois revelam o nível geral de funcionamento do ego do indivíduo, possibilitando verificar em que medida a criança é capaz de conciliar os impulsos e exigências da realidade, solucionar de forma adequada e realista os conflitos internos e externos, a qualidade das suas relações objetivas e como percebe e interage com o ambiente (Bellak & Bellak, 1991).

Esses conceitos interpretativos são coerentes com a teoria de auto-estima abordada no segundo capítulo dessa pesquisa. De acordo com James (1890), Cooley (1902), Mead (1934), Coopersmith (1967), Harter (1993), Weiner (1998) e Sendin (1999) a auto-estima pode ser definida como um processo de auto-aprovação subjetiva – avaliação interna do próprio indivíduo baseada na realidade externa. Nesse caso o indivíduo se aprova e sente-se bem consigo mesmo e com os valores que adotou, ou seja, não há conflitos graves e sim harmonia entre o comportamento, os sentimentos e os padrões sociais. Esses autores pontuam que os altos ou baixos níveis de auto-estima, geralmente, são o resultado e o reflexo de um determinado tipo de avaliação interna que o indivíduo efetivamente experimenta. De acordo com essa definição, uma auto-estima rebaixada seria caracterizada por emoções negativas associadas com vários papéis vividos por uma pessoa e por qualquer rebaixamento do valor pessoal ou autopercepções inadequadas, imprecisas.

Segundo Coopersmith (1967) e Harter (1993) o alicerce de uma boa auto-estima está baseada no relacionamento das crianças com os pais, ou seja, se constrói a partir do sentimento de ser amada, aceita, valorizada pelas pessoas significativas e sentir que tem apoio para alcançar seus objetivos. Quando a criança não recebe esse tratamento no núcleo familiar, a sua auto-estima poderá ser prejudicada, surgindo sentimentos de inadequação, incompetência, sentimentos de inutilidade, desvalorização, auto-imagem negativa.

Tais considerações são coerentes com os indicadores relacionados à auto-estima rebaixada no CAT-A, que coincidiram nas análises dos dois avaliadores. Os resultados indicaram uma correlação positiva entre os juízes em cinco itens. As correlações mais altas foram encontradas em dois indicadores: autopercepção negativa na trama da história, incapacidade para solucionar os problemas (ANTH) e desfecho da história negativo (DHN) ($r = 0,696$) respectivamente. Verificou-se correlação positiva moderada nos indicadores: defesas que demonstram inadequação, insegurança para lidar com estímulos internos e

externos (DN) ($r = 0,444$); concepção do ambiente e figuras – relações inseguras inadequadas, sem apoio, figuras desvalorizadas (CAFN) ($r = 0,527$) e introdução de objetos e figuras que sugerem insegurança, rejeição (IOFN) ($r = 0,569$). De acordo com os resultados os indicadores: identificação com heróis e personagens inferiores, incapazes, auto-imagem negativa (IHN) e natureza das ansiedades – medo da perda do amor, desaprovação, abandono, falta de apoio (NAN), não apresentaram concordância positiva entre os juízes.

Buscando analisar os aspectos que podem ter contribuído para que os resultados entre os juízes nos indicadores de auto-estima rebaixada se configurassem dessa maneira, chegou-se a conclusão de que isso ocorreu provavelmente pela menor frequência desses indicadores na amostra. Como pode ser observado nas Figuras 1 e 2 e na Tabela 1, as crianças dessa pesquisa tiveram na sua maioria pontuações altas no EMAE e foram avaliadas com boa auto-estima em sua maioria, tanto no CAT quanto no HTP. Tal fato constitui um dado não previsto decorrente da própria estratégia para compor a amostra, ou seja, a de trabalhar com indivíduos voluntários e sem patologias graves. Supõe-se que as crianças que se interessaram e aceitaram participar tenham características relacionadas a auto-estima elevada, como por exemplo de auto-aprovação, sentimento de capacidade e de adequação. Não se previu que o grupo pudesse ser tão homogêneo quanto à auto-estima elevada.

Os resultados do CAT-A evidenciam que entre os avaliadores há concordância positiva na pontuação dos indicadores de auto-estima elevada (78,1%, $N = 25$), indicando uma predominância desse nível de auto-estima nessa amostra, enquanto que a pontuação dos indicadores relacionados a auto-estima rebaixada foi pequena (15,6%, $N = 5$) e a discordância entre os juízes insignificante (6,3%, $N = 2$). Ao lado disso, o indicador identificação com heróis e personagens inferiores, incapazes, auto-imagem negativa (IHN)

foi constatado pelos dois juízes em apenas um protocolo e o indicador natureza das ansiedades – medo da perda do amor, desaprovação, abandono, falta de apoio (NAN) foi detectado por um avaliador em vinte e um protocolos, enquanto o outro observou em dez. Vale lembrar que o critério para pontuação dos indicadores considerou o predomínio dos mesmos em mais da metade das histórias. Portanto uma das hipóteses levantadas é da possibilidade da discordância entre os avaliadores ter ocorrido nesses indicadores que apresentaram concordância positiva e moderada: identificação com heróis e personagens – bonito, corajoso, capaz, adequado, auto-imagem positiva (IHP); introdução de objetos, figuras e circunstâncias positiva (IOFP); natureza das ansiedades – mobiliza crescimento, busca de solução adequada (NAMC); introdução de objetos e figuras que sugerem insegurança, rejeição (IOFN); concepção do ambiente e figuras – relações inseguras, inadequadas, sem apoio, figuras desvalorizadas (CAFN); defesas que demonstram inadequação, insegurança para lidar com estímulos internos e externos (DN). A outra hipótese se refere ao número restrito de sujeitos que apresentaram auto-estima rebaixada, que impossibilitou, por um lado, a correlação positiva entre os avaliadores em dois indicadores, por outro, considerando esse mesmo número de sujeitos, e por se tratar de uma técnica projetiva que implica a subjetividade do indivíduo, permite-se afirmar que todas as correlações positivas encontradas nos indicadores podem ser consideradas elevadas.

Também no que concerne a concordância entre avaliadores, observou-se que há uma correlação positiva e alta ($r = 0,834$) na caracterização do nível de auto-estima da amostra estudada, pelos juízes, indicando concordância no total da pontuação da categoria de indicadores referentes à auto-estima elevada, assim como nos indicadores relacionados à auto-estima rebaixada, encontrou-se correlação positiva e moderada ($r = 0,616$). Esse resultado encontrado entre os juízes quanto ao nível de auto-estima rebaixada, pode ser entendido por meio dos índices de correlações entre os avaliadores nos indicadores

relacionados a auto-estima baixa, no qual não houve correlação significativa em duas variáveis puxando o índice de correlação para baixo. No entanto, esses dados indicam que as categorias de indicadores destacadas para verificar o nível da auto-estima, ou seja elevada e rebaixada no teste CAT-A, apresentam confiabilidade pelo sistema de avaliadores.

Vale ressaltar que esse resultado está de acordo com conceito de precisão encontrado na literatura pesquisada. Esta afirma que a precisão entre juízes é usada para avaliar o grau de acordo ocorrido entre as avaliações e que com esses dados pode-se estimar a precisão do avaliador por meio de correlação de coincidências. Portanto, entende-se por precisão o grau de confiabilidade do instrumento (Anastasi & Urbina, 2000).

Partindo do pressuposto que um teste nunca é totalmente válido, ou seja, o que existe são estudos de evidência de validade para determinada população ou determinados indicadores relacionado ao instrumento, é que se propôs buscar nesse estudo evidência de validade de critério concorrente tendo como critério externo a auto-estima a ser verificada no CAT-A e HTP. Para estimar a concordância da variável auto-estima nesses dois instrumentos, correlacionou-se primeiro o resultado obtido entre os dois juízes em cada indicador do CAT-A com o resultado total do nível de auto-estima no HTP, encontrando-se correlação positiva e baixa para um indicador natureza das ansiedades que mobilizam crescimento, busca de solução adequada (NAMC) ($r=0,402$) e apresentaram correlação negativa e moderada para três indicadores, identificação com heróis e personagens inferiores, incapazes, auto-imagem negativa (IHN) ($r= -527$), introdução de objetos e figuras que sugerem insegurança, rejeição (IOFN) ($r= -578$) e natureza das ansiedades – medo da perda do amor, desaprovação, abandono, falta de apoio (NAN) ($r= -0,506$). É importante entender que o índice negativo indica que as crianças que tiveram pontuações altas nesses indicadores relacionados a auto-estima negativa, tiveram pontuações baixas no

HTP no nível de auto-estima rebaixada, ou seja, conforme foi aumentando os valores de uma variável, diminuíram os valores da outra.

Entretanto, encontrou-se correlação positiva ($r = 0,575$) quando os resultados de auto-estima dessas duas técnicas projetivas foram comparados, evidenciando que os indicadores de auto-estima destacados para serem verificados no CAT-A e HTP possibilitam avaliar esse aspecto da personalidade infantil.

Em seguida verificou-se a correlação entre os indicadores de auto-estima do CAT-A e a pontuação obtida no EMAE-A pelo grupo dessa pesquisa. Os resultados demonstraram que houve concordância positiva entre o EMAE e alguns indicadores do CAT: desfecho da história positivo (DHP) ($r = 0,525$); introdução de objetos, figuras e circunstâncias positivas (IOFP) ($r = 0,372$) e defesas que demonstram inadequação, insegurança para lidar com estímulos internos e externos (DN) ($r = 0,353$).

Buscou-se ainda, verificar com base na *Análise de Variância*, diferenças de médias entre o EMAE e os grupos 0, 1 e 2 de pontuação do CAT. De acordo com os resultados houve diferenças de médias significativas entre EMAE e o grupo 2 referente a concordância entre os juízes nos indicadores de auto-estima elevada, em: introdução de objetos, figuras e circunstâncias positivas (IOFP) ($F=6,06$ $P=0,006$); integração do Ego – autopercepção positiva na trama da história, solução adequada dos problemas (IEP) ($F=4,76$ $P = 0,016$) e desfecho da história positivo (DHP) ($F=5,89$ $P=0,007$). Esse resultado concorda com os dados de correlação entre os indicadores do CAT-A e EMAE que apresentou concordância significativa entre a escala e três indicadores, sendo que dois referem-se à auto-estima elevada.

Quanto ao estudo de correlação entre os escores da EMAE-A e os dados de auto-estima no CAT-A, constatou-se que houve correlação positiva e baixa ($r = 0,381$). Enquanto que entre os dados de auto-estima no HTP e a escala EMAE-A não foram

encontradas correlações significativas. Tais resultados corroboram os achados de Epstein e Morling (1995) ao confirmarem que os testes projetivos avaliam a auto-estima implícita – o indivíduo responde com o sistema experiencial, que é primariamente não-verbal, emocional e imaginário, que pode não ser demonstrado em repostas verbais a questionários ou auto-relatos. Portanto, de acordo com essa teoria o instrumento de auto-relato avalia a auto-estima explícita – a pessoa responde com um sistema racional baseado em regras convencionais e crenças consciente de autovalor. Sendo assim, o indivíduo que demonstrou no instrumento de auto-relato EMAE baixa auto-estima, esse mesmo indivíduo pode ter revelado auto-estima elevada no HTP e no CAT-A.

Com base nessas considerações, pode-se levantar a hipótese que os indicadores de auto-estima no CAT-A possibilitam avaliar os aspectos implícitos e explícitos da auto-estima, considerando que esse teste correlacionou positivamente com o HTP ($r = 0,575$) e EMAE-A ($r = 0,381$). Em contrapartida, é possível inferir que os indicadores de auto-estima no HTP avaliam aspectos diferentes, o que pode justificar a não associação positiva entre este teste e o EMAE-A. Uma outra hipótese diz respeito às diferenças entre os instrumentos, a saber: o CAT-A e o EMAE-A exigem uma tarefa verbal, enquanto o HTP é um teste projetivo gráfico, propondo-se formas de expressão diferentes não facilmente correlacionáveis. Um outro dado que pode explicar o índice de correlação entre esses três instrumentos pode ser observado no nível de auto-estima encontrado na amostra, a saber: no CAT-A 78,1% das crianças revelaram auto-estima elevada e 15,6% rebaixada, no HTP 87,5% dos sujeitos tiveram auto-estima elevada e 12,2% rebaixada. Quanto ao EMAE 53,1% ficaram acima da média do grupo e 46,9% abaixo. Entretanto esses dados da escala não podem ser considerados indicativos do nível da auto-estima do grupo. Esse resultado é sugestivo que os sujeitos que demonstraram uma boa auto-estima no CAT-A também apresentaram no HTP e alguns apresentaram associações com o EMAE.

Esses dados encontrados no CAT-A confirmam os achados por Tardivo (1992) ao verificar os aspectos da dinâmica da personalidade da sua amostra por meio do CAT-A, constatou que esse instrumento capta mais material latente e menos conteúdos manifestos. Desta forma, esse estudo fornece indicações de que é possível esperar correlações positivas entre o instrumento projetivo e de auto-relato apesar dos níveis de alcance dos mesmos serem diferentes. Nesses termos, encontrou-se correlação positiva entre o CAT e EMAE.

Com base nos resultados dessa pesquisa é possível inferir que os indicadores de auto-estima no CAT-A possibilitam verificar mais aspectos da auto-estima relacionados aos conteúdos inconscientes do que aos relacionadas as atividades mais conscientes que envolvem significados e valores advindos desta.

Em suma, considerando-se a necessidade de estudos de evidência de validade para o CAT-A e ainda a constatação da lacuna existente na literatura científica brasileira de estudos envolvendo o construto auto-estima e o CAT, essa pesquisa tem um caráter inédito nesse aspecto. Portanto, vale ressaltar que os resultados encontrados possibilitam afirmar que as categorias de indicadores destacadas para verificar a auto-estima no CAT-A podem ser consideradas um referencial de análise desse aspecto da personalidade. Tal achado permite pontuar a importante contribuição desse estudo para a área da avaliação psicológica.

O capítulo seguinte traz considerações sobre o que foi aqui discutido, bem como algumas das limitações da pesquisa.

VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS

As críticas que tem sido feitas à avaliação psicológica giram em torno também da qualidade dos instrumentos psicológicos utilizados, cuja utilidade é facilitar a investigação psicológica. Para tanto, de acordo com Anatasi e Urbina (2000) os critérios psicométricos permitem essa utilização com mais segurança, pois se espera que um teste possua certas características para seu uso adequado. Estas compreendem precisão e evidência de validade. Diante disso, o objetivo principal desse estudo foi buscar evidência de validade concorrente tendo como critério externo a auto-estima a ser verificada no CAT-A e HTP. Ao lado disso, procurando verificar o grau de confiabilidade do CAT-A, buscou-se estimar a precisão entre juízes correlacionando seus resultados. Portanto, pretende-se discutir, nesse capítulo, em que medida esses objetivos foram alcançados, bem como as limitações defrontadas ao realizar essa pesquisa.

No que se refere à utilização das técnicas projetivas para a avaliação da personalidade, inúmeras dificuldades e limitações são encontradas, uma delas diz respeito à falta de estudos brasileiros, com proposta semelhante que pudesse ter sido utilizado como padrão de referência para essa pesquisa. De fato, os únicos estudos encontrados na literatura que destacou a auto-estima para ser verificada nos testes projetivos foram os de Semer (1999) que estudou o aspecto psicológico relacionado à constituição da auto-estima, em crianças enuréticas, por meio do método Rorschach e Pires (2000) que verificou as relações existentes entre o desempenho na matemática e auto-estima utilizando o HTP. Apesar dessas autoras terem sugerido algumas associações entre a auto-estima e os grupos contrastantes, seus dados não permitem comparação com os deste estudo.

A outra dificuldade se refere ao critério bem definido para a comparação, porque as variáveis relacionadas à personalidade são múltiplas. Assim, para esse estudo, criou-se categorias de indicadores de auto-estima com intuito de definir um critério que pudesse ser observado e comparado no CAT, HTP e finalmente com a escala de auto-relato EMAE. Dessa forma, reduziu-se a amplitude de análises sobre a dinâmica psíquica infantil que as técnicas CAT e HTP possibilitam, visando um tratamento estatístico das respostas.

Outro ponto importante tem a ver com a dificuldade da definição do construto auto-estima devido à complexidade e à proximidade do mesmo com outros construtos – autoconceito e auto-imagem. Alguns autores consideram que são aspectos psicológicos distintos, referindo-se a diferentes formas de avaliação do *self*. Assim consideram a auto-imagem como a visão que o indivíduo tem de si mesmo a partir das percepções de suas características baseadas em dados reais e imaginários. Entendem autoconceito como um componente fundamentalmente cognitivo e contextualizado da auto-avaliação, ou seja, o conhecimento que o indivíduo tem de si e a auto-estima se refere a uma auto-avaliação mais descontextualizada, possuindo um componente predominantemente afetivo (Hattie, 1992; Campbell & Lavalley, 1993 citados por Peixoto & Almeida, 1999).

Considerando a utilização das técnicas projetivas na avaliação da personalidade, a literatura enfoca a relevância em considerar além da necessidade de estudos referentes à análise quantitativa dos testes projetivos, a importância de se garantir a interpretação dos dados que é caracterizada pelo aspecto compreensivo e interpretativo dessas técnicas. Desse modo essa duas formas de lidar com os dados são complementares (Güntert, 2000 & Tavares, 2003).

Diante do exposto, buscou-se verificar por meio de análises estatísticas se as categorias de indicadores de auto-estima elaboradas para o CAT-A e o HTP possibilitam avaliar esse aspecto da personalidade infantil. Por meio da verificação do grau de

correlação entre juízes, constatou-se que houve concordância positiva, conferindo confiabilidade aos indicadores de auto-estima no CAT-A, ou seja, apresentam boa precisão para avaliar a auto-estima, pelo sistema de avaliadores.

Quanto às correlações encontradas entre o CAT-A e o HTP foram positivas, indicando que as categorias de indicadores para avaliar auto-estima referentes aos dois instrumentos, são sensíveis para verificar esse aspecto da personalidade. Considerando que a concordância entre o CAT-A e o EMAE-A, também foi positiva, mas com um índice menor que entre os dois testes projetivos, esse dado indica que as variáveis relacionadas a auto-estima no CAT-A são mais abrangentes na avaliação desse aspecto, ou seja, possibilitam a exteriorização de conteúdos implícitos e explícitos. Enquanto que, entre o HTP e EMAE não houve concordância. A esse respeito, aventou-se que as categorias de indicadores de auto-estima do CAT-A possibilitam uma avaliação mais ampla da auto-estima, enquanto que as variáveis do HTP permitem verificar aspectos da estima relacionados aos conteúdos mais latentes, inconscientes.

Nesse contexto, os dados dessa pesquisa podem ser considerados evidência de validade para os dois testes projetivos, no que diz respeito à avaliação da auto-estima, mesmo considerando que as análises foram limitadas em razão do número de participantes e da homogeneidade quanto ao nível de auto-estima apresentado na amostra dessa pesquisa.

Vale ressaltar que, as correlações positivas encontradas para as categorias de indicadores de auto-estima no CAT-A concebem características que seriam esperadas nas definições de auto-estima trazidas no segundo capítulo dessa pesquisa, assim como no referencial teórico que fundamenta essa técnica. Nesse sentido, Murray (1973) afirma que toda resposta dada ao teste evidenciaria uma interpretação pessoal, havendo uma identificação do sujeito com o personagem principal da história, e o conteúdo manifesto deve ser analisado buscando seus aspectos latentes, isto é, as determinações e motivações

inconscientes deflagradas ao se dar a resposta, sendo essa a função da interpretação. Assim, quando se pede um sujeito para compor um relato a partir de um estímulo, de acordo com Shentoub (1990), são necessárias as participações dos processos primários (ego-prazer) e secundários (ego-realidade). Dessa forma as associações promovidas nesse teste, remetem o sujeito às suas necessidades internas, fantasia e desejos, obedecendo ao princípio de realidade.

Finalmente, acredita-se ter contribuído com um referencial de análise para o CAT-A e HTP que possibilita a avaliação da auto-estima em crianças de sete a dez anos, de ambos os sexos. Espera-se ainda que realização de outras pesquisas possa superar as limitações deste estudo, especialmente no que se refere ao número de participantes e a falta de heterogeneidade entre os mesmos, dificultando uma melhor caracterização dos níveis de auto-estima. Além disso, futuros estudos poderão contribuir para a ampliação dos conhecimentos desse construto e para o aprimoramento dos instrumentos e procedimentos técnicos empregados na avaliação psicológica.

VII – REFERÊNCIAS

Alves, K. A. & Loureiro, S. R. (1994). Representação gráfica da família em um grupo de pacientes esquizofrênicos. *Psico*, 25 (1): 58-72.

Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artmed.

Anzieu, D. (1981). *Os Métodos Projetivos*. Rio de Janeiro: Editora Campus LTDA.

Bellak, L. & Hurvich, M. S. (1965). A Human Modification of the Children's Apperception Test – (CAT-H). *Journal of Projective Techniques & Personality Assessment*, 30 (3): 229-242.

Bellak, L. & Bellak S. S. (1991). *Manual do Teste de Apercepção Infantil figuras de animais*. Campinas – SP: Editora de Livro Pleno – ME. (Originalmente publicado em 1949. Título original: Children's Apperception Test C.A.T. -A).

Branden, N. (1996). *A Psicologia da Auto-Estima*. São Paulo: Saraiva.

Buck, J. N. (2003). *H-T-P Manual e Guia de Interpretação*. São Paulo: Vetor. (Originalmente publicado em 1964. Título original: The house-tree-person technique).

Capitão, C. G. (2003). Auto-Estima: Uma Avaliação Teórica. *Psicologia Hospitalar*, 1 (1): 14-25

Carotenuto, C. (2000). *Comparações entre o Pesadelo Infantil e o Teste Projetivo CAT-A*. Dissertação de Mestrado. Universidade São Marcos. São Paulo.

Cooley, C.H. (1902). *Human nature and the social order*. New York. Scribener's Sons.

Coopersmith, S. (1967). *The Antecedents of Self-Esteem*. San Francisco: Freeman.

Epstein S. & Morling, B. (1995). Is the self motivate to do more than enhance and / or verity itself? In Kernis, M. H. (ed). *Efficacy, agency, and self-esteem*. New York: Plenum Press

Fonseca, A.R. (2005) *Abuso Sexual na Infância: Um Estudo de Validade de Instrumentos*. Dissertação de Mestrado. Universidade São Francisco. Itatiba-SP.

Freud, S. (Ed.). (1969). *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. [CD-ROM]. (Vols. 2, 12, 13 e 20). Rio de Janeiro: Imago Editora.

James, W. (1890). *Principles of Psychology*. New York: Holt

Gobitta, M. (2004). *Escala Mutidimensional de Auto-Estima (EMAE): Construção e Validação com Crianças e Adolescentes Brasileiros*. Tese de Doutorado. PUC Campinas.

Gobitta, M. & Guzzo, R. S. L. (2004). EMAE – Escala Multidimensional de Auto-Estima – Não Publicado. Em: Gobitta, M. (ed) *Escala Mutidimensional de Auto-Estima (EMAE)*:

Construção e Validação com Crianças e Adolescentes Brasileiros. Tese de Doutorado, Anexo IX. PUC Campinas.

Grassano, E. (1996). *Indicadores Psicopatológicos nas Técnicas Projetivas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Güntert, A. E. V. A. (2000). Técnicas Projetivas: O Geral e o Singular em Avaliação Psicológica. Em: Sisto, F. F., Sbardelini, E. T. B., Primi, R. (orgs), *Contextos e Questões da Avaliação Psicológica*, (77-84). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Hammer, E. F. (1981). *Aplicações Clínicas dos Desenhos Projetivos*. Rio de Janeiro: Interamericana.

Harter, S. (1993). Causes and Consequences of Low Self-Esteem in Children and Adolescents. In Baumeister, R. F. (ed). *Self-Esteem: The Puzzle of Low Self-Regard*. New York: Plenum Press.

Harter, S. (1996). Historical Roots of Contemporary Issues Involving Self-Concept. In Bracken, B. A. (ed) *Handbook of Self-Concept: Developmental, Social, and Clinical Considerations*. New York: Wiley.

Herzberg, E., Erdman, E. P. & Becker, E. (1995). Técnicas de Exame Psicológico utilizadas no Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo: Levantamento realizado em 1994. *Boletim de Psicologia*, XLV (102): 85-96.

Herzberg, E. & Mattar, A. (2005, julho). Psychological Examination Techniques and Resources Used in the Department of Clinical Psychology of the University of São Paulo. *Trabalho apresentado no XVIII Congresso Internacional de Rorschach e Métodos Projetivos*: Barcelona.

Hirsch, S. B. (1984). *El CAT em El Psicodiagnóstico de niños*. Buenos Aires: Nueva Visión.

Hirsch, S. B. (1987). Guia de Interpretação do Teste de Apercepção Infantil (CAT) de L. e S. Bellak. Em: Ocampo, L. S., Arzeno, E. G., Piccolo, E. G. (Eds.) *O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projetivas* (pp.149-166). São Paulo: Martins Fontes.

Kagan, J. (1966). *Técnicas de Apercepción Temática Aplicadas a Niños*. Buenos Aires: Paidós.

Kolck, O.L.V. (1974). *Técnicas de Exame Psicológico e suas Aplicações no Brasil: Testes de Personalidade*. Petrópolis-RJ: Vozes.

Jacquemin, A. & Martins, M. A. (1976). Estudo Comparativo do CAT-A e CAT-H em crianças de 7 e 8 anos. *Arquivo Brasileiro de Psicologia Aplicada*, 28 (1): 37-47.

Jacob, A.V., Loureiro, S.R., Marturano E. M. Linhares, M. B. M. & Machado, V. L. S. (1999). Aspectos afetivos e o desempenho acadêmico de escolares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15 (2): 153-162.

Lawton, M. J. (1966). Animal and Human CAT With a School Sample. *Journal of Projective Techniques & Personality Assessment*, 30 (3): 243-246.

Linhares, M. B. M., Loureiro, S. R., Machado, V. L. S. & Marturano, E. M. (1997). Crianças referidas para atendimento psicológico em virtude de baixo rendimento escolar: comparação com alunos não referidos. *Revista Interamericana de Psicologia / Interamerican Journal of Psychology*, 31 (2): 223-241.

Loureiro, S. R., & Romaro, R. A. (1985). A utilização das técnicas projetivas, Bateria de Grafismo de Hammer e Desiderativo, como instrumentos de diagnóstico. Estudo Preliminar. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 37 (3): 132-141.

Loureiro, S. R., Marturano, E. M., Linhares, M. B. M. & Silva, R. A. (1994). Crianças com Queixa de Dificuldade Escolar: Avaliação Psicológica Através da Técnica Gráfica. *I Encontro de Técnicas de Exame Psicológico: Ensino, Pesquis e Aplicações*, 59 (pp.161-181).

Marturano, E. M., Linhares, M. B. M., Loureiro, S.R. & Machado, V. L. S. (1997). Crianças Referidas para Atendimento Psicológico em Virtude de Baixo Rendimento Escolar: Comparação com Alunos não Referidos. *Revista Interamericana de Psicologia / Interamerican Journal of Psychology*, 31 (2): 223-241.

Mead, G. H. (1934). *Mind, self and society*. Chicago, Illinois. The University of Chicago Press.

Montagna, M. E. (1987). *Sistematização da Análise do CAT a Partir dos Esquemas de Interpretação de Bellak, Haworth e Shentoub*. Dissertação de Mestrado. PUC São Paulo.

Murray, H. A. (1973). *Teste de Apercepção Temática*. São Paulo: Mestre Jou.

Noronha, A. P. P., Sartori, F. A., Andrade, F. A. & Ottati, F. (2001). Informações contidas nos manuais de testes de inteligência publicados no Brasil. *Psicologia em Estudo*, 6 (2): 101-106.

Neuringer, C. & Livesay, R.C. (1970). Projective Fantasy on the CAT and CAT-H. *Journal of Projective Techniques & Personality Assessment*, 34 (6): 487-491.

Peixoto, F. & Almeida, L. S. (1999.) Escala de Autoconceito e Auto-Estima. Em: Soares, A. P., Araújo, A., Caíres, S. (orgs). *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos (Vol. 6)*. Braga – Portugal: Universidade do Minho, APPORT – Associação dos Psicólogos Potugueses.

Rocha, R. M. C. O. (1989). *Rivalidade entre Irmãos em Família: Um Estudo Através de Técnica Projetiva*. Dissertação de Mestrado. PUC São Paulo.

Romaro, R. A. & Loureiro, S. R. (1986). Sinais de Conflitos de Identidade Detectados Através de Técnicas Projetivas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 2 (2): 157-164.

Semer, N. L. (1999). Estudo da Auto-Estima em Crianças Enuréticas pelo Método de Rorschach. Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina. São Paulo.

Sendín, C. (1999.) Autopercepção. Em: Exner, J. E. *Manual de Interpretação do Rorschach para o Sistema Compreensivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Shentoub, V. (1990). *Manual D'Utilisation Du TAT -Approche Psychanalytique*. Paris: Dunod Editeur.

Sisto, F. F., Codenotti, N., Costa, C. A. J. & Nascimento, T.C. N. (1979). Testes Psicológicos no Brasil: que medem realmente. *Educação e Sociedade*, 2 152-165.

Tardivo, L.S.P.C. (1992). *Teste de Apercepção Infantil com Figuras de Animais (CAT-A) e Teste das Fábulas de Düss: Estudos Normativos e Aplicações no Contexto das Técnicas Projetivas*. Tese de Doutorado. USP, São Paulo.

Tavares, M. (2003). Validade Clínica. *PsicoUSF*, 8 (2): 125-136.

Villemor-Amaral, A. E. (2004). As Técnicas Projetivas no Contexto da Avaliação Psicológica [On-line]. Disponível: <http://www.crprj.org.br>.

Vendramini, C.M.M. & Noronha, A.P.P. (2002). Estudo Comparativo entre Testes de Inteligência e Personalidade. *Psico*, 33 (2): 413-426

Weiner, I.B. (2000). *Princípios da Interpretação do Rorschach*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Zucker, L. (1948). A case of obesity: Projective techniques before and after treatments. *Journal of Projective Techniques*, 12, 202-215.

EMAE- Escala Multidimensional de Auto-Estima

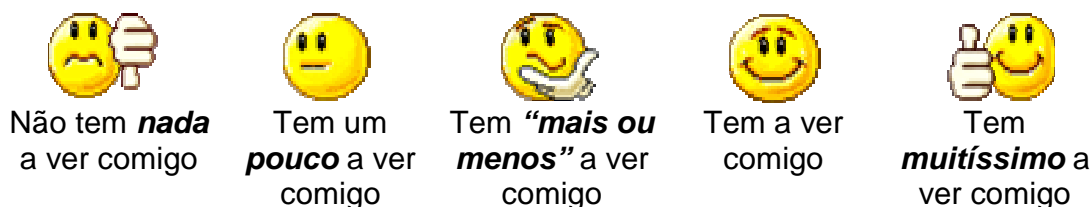
Gobitta, M. e Guzzo, R. S. L. (2003)

LAMP – Laboratório de Avaliação e Medidas em Psicologia / PUC Campinas











INSTRUÇÕES

Este questionário constitui-se de 56 afirmações sobre situações que podem ou não acontecer com você, pode também dizer de sentimentos que você pode ou não sentir, ou de jeitos que você pode ou não ter.

Você deve ler atentamente cada uma das afirmações e dar pontos para o quanto esta afirmação se parece com você. Para isso, assinale com um X na coluna ao lado de cada afirmação em cima de um número de 1 a 5 da seguinte forma:



Exemplo:

Afirmação	Resposta				
1. Gosto de conversar com meus amigos					
2. Sou engraçado (a)					

Nesse exemplo, a pessoa assinalou com um X na afirmação 1 "Gosto de conversar com meus amigos", porque achou que isto tem muito a ver com ela, pois ela também gosta de conversar com seus amigos. Na afirmação 2 "sou engraçado (a)" ela assinalou 1, porque achou que não tem nada a ver com ela, pois não se acha engraçada.

Essa não é uma prova, não há respostas certas ou erradas. É importante você responder com sinceridade. A resposta simplesmente descreve como você se sente e o que pensa a seu respeito. Suas escolhas, portanto, devem ser feitas em função de como você se sente hoje.

Muito obrigada!

ANEXO 2 – FOLHA DE AVALIAÇÃO DO CAT-A

NOME: _____ SÉRIE: No. _____
 PROTOCOLO: _____
 IDADE: _____ DATA DE NASC.: _____ DATA: _____
 AVALIADO POR: _____

Preencher com P (presença) A (ausência) para cada traço relacionado às categorias, indicando em quais pranchas foram verificados.

GERAL (TODAS AS PRANCHAS)		
CATEGORIAS	PRESENTE/AUSENTE	PRANCHAS
I-TEMA PRINCIPAL DA HISTÓRIA I a- Comida literalmente I b- Gratificação em geral I c- Agressividade, hostilidade I d- Voracidade I e- Inveja I f- Angústia, perigo I g- Prazer, passeio, lazer I h- Cooperação, união I i- Regressão, dependência I j- Independência, crescimento I l- Outros		
II-HERÓI PRINCIPAL/OUTROS PERSONAGENS II a- Identificação com o mesmo sexo II b- Identificação com o sexo oposto II c- Qualidades positivas II d- Qualidades negativas II e- Outras		
III-AUTO-IMAGEM III a- Positiva III b- Negativa		
IV-NECESSIDADES E IMPULSOS DO HERÓI E PERSONAGENS IV a- Impulsos agressivos latentes transformados em realidade (a agressão aparece na seqüência da história, sem modificações) IV b- Impulsos agressivos - relacionados com a fantasia (a agressão aparece no início da história e é		

<p>controlada ao final) IV b1) Agressão temida de vários objetos IV b2) Passivo-agressivo IV b3) Submissa IV b4) Retraída IV b5) Afiliação IV b6) Realização IV c- Outras</p>		
<p>V-ADIÇÃO DE OBJETOS, CIRCUNSTÂNCIAS E FIGURAS Va-Positivos (gratificação,aceitação, identificação, proteção) V b- Negativos (privação, frustração, severidade, indiferença)</p>		
<p>VI-OMISSÃO DE OBJETOS, CIRCUNSTÂNCIAS E FIGURAS VI a- Por despertar conflito, hostilidade VI b- Outros</p>		
<p>VII-CONCEPÇÃO DO AMBIENTE VII a- Descrito como: colaborador, amistoso, acolhedor, compensador. VIIb- Descrito como: Hostil, perigoso, inseguro, inadequado. VII c- Outras</p>		
<p>VIII-COMO SÃO VISTAS AS FIGURAS VIII a- Relações objetais: VIII a1) simbióticas VIII a2) oralmente dependente VIII a3) ambivalente VIII a4) competitivas VIII a5) apoio VIII a6) aceitação VIII a7) identificação VIII a8) proteção VIII a9) hostilidade VIII a10) inveja VIII a11) oposição VIII a12) abandono VIII a13) segurança VIII b - Outras</p>		
<p>IX-CONFLITOS SIGNIFICATIVOS: IX a- Conflitos edipianos IX b-Ansiedade relacionada a agressão física, punição IX c-Medo de falta ou perda de amor</p>		

<p>(desaprovação) IX d- de ser abandonada (solidão, falta de apoio)</p>		
<p>X-PRINCIPAIS DEFESAS X a- Defesas utilizadas: X a1) fuga X a2) passividade X a3) agressão X a4) oralidade X a5) voracidade X a6) renúncia X a7) regressão X a8) obsessivas X a9) anulação X a10) ambivalência X a11) repressão X a12) negação X b- Mobiliza crescimento, solução adequada. X c- Outras</p>		
<p>XI-ADEQUAÇÃO DO SUPEREGO MANIFESTA POR “PUNIÇÃO” PELO “CRIME” XI a-Superego não integrado: XI a1) às vezes muito rígido XI a2) às vezes muito tolerante XI b- Adequação entre a punição e a natureza da ofensa, transgressão.</p>		
<p>XII-INTEGRAÇÃO DO EGO (COMO A CÇA CONCILIA OS IMPULSOS COM A REALIDADE, SOLUCIONA OS CONFLITOS) XII a- Controle dos impulsos XII b- Tolerância à ansiedade XII c- Adequação perceptiva XII d- Solução adequada dos problemas. XII e- Outras</p>		

Preencher com P (presença) ou A (ausência) nos espaços relativos a cada um dos traços que compõem o referencial de análise de cada prancha.

PRANCHA I		
CATEGORIAS	PRESENÇA/ AUSÊNCIA	ANOTAÇÕES
1 -RELAÇÃO COM A FIGURA MATERNA: 1a- Dependência 1a-1) Inibidora de crescimento 1a-2) Propulsora de crescimento 1b-Independência 1b-1) Realista 1b-2) Mágica , onipotente 1c-Hostilidade, ataque. 1d-Reparação de ataques, de culpa. 1e-Gratificação (mãe supridora, provedora). 1f-Identificação 1g-Incorporação		
2- RELAÇÃO COM A FIGURA PATERNA 2a- Rivalidade, competição, conflito. 2b- Cooperação, compreensão.		
3- RELAÇÃO COM AS FIGURAS FRATERNAS 3a- Rivalidade, competição, conflito. 3b- Cooperação, compreensão.		
4- OUTRAS		
PRANCHA 2		
CATEGORIAS	PRESENÇA / AUSÊNCIA	ANOTAÇÕES
5- RELAÇÃO DUAL (EXCLUI O 3º ELEMENTO):		
6- RELAÇÃO EDÍPICA: 6a- Conflito vivido de forma lúdica (jogo) 6b- Conflito vivido de forma destrutiva 6c- Identificação 6c-1) figura do mesmo sexo 6c-2) figura do sexo oposto		
7- RELAÇÃO COM OUTRAS FIGURAS: 7a- Conflito vivido de forma lúdica (jogo) 7b-Conflito vivido de forma destrutiva (luta, ataque e defesa)		
8- OUTRAS		
PRANCHA 3		
CATEGORIAS	PRESENÇA /	ANOTAÇÕES

	AUSÊNCIA	
9-RELAÇÃO COM A FIGURA PATERNA / AUTORIDADE: 9a- Submissão 9b- Temor 9c- Hostilidade, ataque, depreciação, inveja 9d- Reparação (em função do ataque) 9e- “Esperteza” em lidar com as ameaças 9f- Cooperação, amizade 9g- Outros		
10-RELAÇÃO COM A FIGURA MATERNA/ AUTORIDADE: 10a- Submissão 10b- Temor 10c- Hostilidade, agressividade, ataque, inveja 10d- Reparação 10e- “Esperteza” em lidar com as ameaças 10f- Cooperação, amizade 10g- Outros		
OUTRAS		
PRANCHA 4		
CATEGORIAS	PRESENÇA / AUSÊNCIA	ANOTAÇÕES
11- RELAÇÃO COM FIG. MATERNA: 11a- Dependência 11b- Independência 11c- Hostilidade 11d- Reparação 11e- Gratificação (mãe que provê, protege) 11f- Identificação		
12- RELAÇÃO COM FIG. FRATERNA: 12a- Rivalidade, ciúmes, competição 12b- Cooperação, união		
13-REAÇÃO EMOCIONAL DA CRIANÇA VIVIDA NO MOMENTO: 13a- Sentindo prazer, lazer, passeio 13b- Sentindo angústia de perigo 13b-1) Enfrentamento, solução 13b-2) Fuga, ausência de solução		
14- OUTRAS		
PRANCHA 5		
CATEGORIAS	PRESENÇA / AUSÊNCIA	ANOTAÇÕES
15-REAÇÃO DA CRIANÇA FRENTE À SITUAÇÃO TRIANGULAR: 15a-Impossibilidade de lidar com a situação (fuga da prancha, rejeição, resposta		

ilógica). 15b- Respostas regressivas, volta à relação dual, necessidades orais, sem inclusão do terceiro elemento. 15c- Hostilidade, ataque a união dos pais, inveja. 15d- Sensação de abandono, desamparo diante da união dos pais. 15e- Aproximação mais realista, maior independência.		
16-RELAÇÃO DA CÇA. COM A FIGURA FRATERNA: 16a- Rivalidade, ciúmes, competição. 16b- Cooperação, amizade.		
17- OUTRAS		
PRANCHA 6		
CATEGORIAS	PRESENÇA / AUSÊNCIA	ANOTAÇÕES
18-RELAÇÃO DUAL (EXCLUI O 3º ELEMENTO)		
19-RELAÇÃO FRENTE À SITUAÇÃO TRIANGULAR: 19a- Respostas regressivas, com tentativas de volta a relação dual e necessidades orais. 19b- Hostilidade, ataque, inveja. 19c- Sensação abandono, depressão, desamparo. 19d- Aceitação mais realista, independência e busca de crescimento.		
20- OUTRAS		
PRANCHA 7		
CATEGORIAS	PRESENÇA / AUSÊNCIA	ANOTAÇÕES
21-REAÇÃO DIANTE DO ATAQUE (FIG. MACACO): 21a- Impossibilidade de lidar com o ataque, desamparo, desproteção. 21b- Boa organização de defesas, habilidade, “esperteza”. 21c- Negação do perigo, onipotência 21d- Provocação, hostilidade 21e- Desprezo pelo ataque 21f- Outras		
22-RELAÇÃO COM A FIGURA MASCULINA (FIGURA QUE ATACA)		
23-RELAÇÃO COM FIGURA FEMININA (FIGURA QUE ATACA)		
24-ENFOQUE NA ATITUDE DO TIGRE		

(COMO FOI PERCEBIDO): 24a- Hostil, perseguidor 24b- Ameaçador 24c- Cooperativo 24d- Outras		
25- OUTRAS		
PRANCHA 8		
CATEGORIAS	PRESENÇA / AUSÊNCIA	ANOTAÇÕES
26-RELAÇÃO COM O MEIO FAMILIAR E ADULTOS: 26a- Sentir-se incluído, aceito, compreendido 26b- Sentir-se excluído 26b-1) Com sensação de abandono 26b-2) Reagindo com condutas agressivas 26b-3) Ser castigado e punido		
27-RELAÇÃO COM A FIG. PATERNA: 27a- Aceitação, identificação, proteção 27b- Luta, hostilidade, não aceitação, oposição		
28-RELAÇÃO COM A FIG. MATERNA: 28a- Aceitação, identificação, proteção 28b- Luta, hostilidade, não aceitação, oposição		
29-Relação Triangular Edípica 29a- Volta à relação dual 29b- Hostilidade, ataque, inveja 29c- Abandono, depressão, desamparo 29d-Aceitação mais realista, independência e busca de crescimento 29e- Outros aspectos		
30-OUTRAS		
PRANCHA 9		
CATEGORIAS	PRESENÇA / AUSÊNCIA	ANOTAÇÕES
31-REAÇÃO FRENTE AO ISOLAMENTO: 31a- Medo 31a-1) Figuras masculinas fantásticas 31a-2) Outros animais ou homens 31a-3) Ser destruído e morto 31b- Abandono, tristeza 31c- Independência, auto-suficiência, desejo de crescimento		
32-RELAÇÃO COM A FIG. MATERNA: 32a- Aceitação, proteção 32b- Hostilidade, não aceitação, oposição,		

não sentir-se contido		
33-RELAÇÃO COM A FIG. PATERNA: 33a- Aceitação, proteção 33b- Hostilidade, não aceitação		
34-OUTRAS		
PRANCHA 10		
CATEGORIAS	PRESENÇA / AUSÊNCIA	ANOTAÇÕES
35-REAÇÃO FRENTE ÀS REGRAS SOCIAIS, A DISCIPLINA: 35a- Aceitação 35b- Oposição 35b-1) Reage ativamente, luta contra 35b-2) Submete-se		
36-PRESENÇA DE IMPULSOS: 36a- Impulsos descontrolados-falta de objeto que os contenha, falta de limite 36b- Presença de objetos que contenha os impulsos 36b-1) Objeto como fig. Materna 36b-2) Objeto como fig. Paterna 36c- Culpa pela manifestação de impulsos 36d- Castigo por causa de seus impulsos		
37-OUTRAS		

ANEXO 3 - CATEGORIAS DE INDICADORES DE AUTO-ESTIMA NO C.A.T. -A.

Nome: _____ Série: _____ No. Protocolo: _____
 Data Nascimento: _____ Idade: _____ Data: _____
 Avaliador: _____

CONSTELAÇÕES

MARCAR UM PONTO POSITIVO SE PRESENTE	MARCAR UM PONTO NEGATIVO SE PRESENTE
AUTO-ESTIMA ELEVADA	AUTO-ESTIMA REBAIXADA
<input type="checkbox"/> IDENTIFICAÇÃO COM HERÓIS E PERSONAGENS (BONITO, CORAJOSO, CAPAZ, ADEQUADO AUTO-IMAGEM POSITIVA)	<input type="checkbox"/> IDENTIFICAÇÃO COM HERÓIS E PERSONAGENS (INFERIOR, INCAPAZ, AUTO-IMAGEM NEGATIVA)
<input type="checkbox"/> INTRODUÇÃO DE OBJETOS, FIGURAS E CIRCUNSTÂNCIAS POSITIVAS	<input type="checkbox"/> INTRODUÇÃO DE OBJETOS E FIGURAS QUE SUGEREM INSEGURANÇA, REJEIÇÃO
<input type="checkbox"/> CONCEPÇÃO DO AMBIENTE E FIGURAS (PERCEPÇÃO POSITIVA, SENTE-SE VALORIZADO, ACOLHIDO, SEGURO, COMPENSADO)	<input type="checkbox"/> CONCEPÇÃO DO AMBIENTE E FIGURAS (RELAÇÕES INSEGURAS, INADEQUADAS, SEM APOIO, FIGURAS DESVALORIZADAS)
<input type="checkbox"/> NATUREZA DAS ANSIEDADES (MOBILIZA CRESCIMENTO, BUSCA DE SOLUÇÃO ADEQUADA)	<input type="checkbox"/> NATUREZA DAS ANSIEDADES (MEDO DA PERDA DO AMOR, DESAPROVAÇÃO, ABANDONO, FALTA DE APOIO)
<input type="checkbox"/> DEFESAS QUE MOSTRAM HABILIDADES PARA LIDAR COM ESTÍMULOS INTERNOS E EXTERNOS	<input type="checkbox"/> DEFESAS QUE DEMONSTRAM INADEQUAÇÃO, INSEGURANÇA PARA LIDAR COM ESTÍMULOS INTERNOS E EXTERNOS
<input type="checkbox"/> INTEGRAÇÃO DO EGO (AUTOPERCEPÇÃO POSITIVA NA TRAMA DA HISTÓRIA, SOLUÇÃO ADEQUADA DOS PROBLEMAS)	<input type="checkbox"/> AUTOPERCEPÇÃO NEGATIVA NA TRAMA DA HISTÓRIA, (INCAPAZ PARA SOLUCIONAR OS PROBLEMAS)
<input type="checkbox"/> DESFECHO DA HISTÓRIA POSITIVO	<input type="checkbox"/> DESFECHO DA HISTÓRIA NEGATIVO

OBS.: Anotar em quais pranchas apareceram as categorias de indicadores de auto-estima: Elevada ou Rebaixada

ANEXO 4 - FOLHA DE AVALIAÇÃO DO H.T.P.

NOME:

SÉRIE:

IDADE:

DATA DE NASC.:

DATA:

AVALIADO POR:

1 - ASPECTOS GERAIS

DESENHO/CATEGORIAS	CASA	ÁRVORE	1ª PESSOA	2ª PESSOA
PROPORÇÃO (TAMANHO DA FIGURA)				
PERSPECTIVA (LOCALIZAÇÃO DO DESENHO NA PÁG.)				
MARGENS DO PAPEL				
QUADRANTES DA PÁG.				
RASURAS				
LINHA DE SOLO				
QUALIDADE DA LINHA				
TRANSPARÊNCIAS				
SOMBREAMENTO				

2 - ASPECTOS ESTRUTURAIS / CONTEÚDO

A - CASA

CATEGORIAS	INDICADORES
DETALHES (ESSENCIAIS, EXCESSIVOS, NÃO ESSENCIAIS, IRRELEVANTES BIZARROS)	
ÊNFASE NO DETALHE	
OMISSÃO DE DETALHE	
PROPORÇÃO DOS DETALHES EM RELAÇÃO À FIGURA (TAMANHO)	
MOVIMENTO	
POSIÇÃO (FRENTE, PERFIL)	
OUTROS	

B - ÁRVORE

CATEGORIAS	INDICADORES
DETALHES (ESSENCIAIS, EXCESSIVOS, NÃO ESSENCIAIS, IRRELEVANTES, BIZARROS)	
ÊNFASE NO DETALHE	
OMISSÃO DO DETALHE	
PROPORÇÃO DOS DETALHES EM RELAÇÃO À FIGURA (TAMANHO)	
TIPO DOS DETALHES (GALHOS, COPA, TRONCO).	
POSTURA	
MOVIMENTO	
OUTROS	

C - 1ª PESSOA

CATEGORIAS	INDICADORES
GÊNERO	
DETALHES (ESSENCIAIS, EXCESSIVOS, NÃO ESSENCIAIS, IRRELEVANTES, BIZARROS)	
ÊNFASE DO DETALHE	
OMISSÕES DO DETALHE	
PROPORÇÃO DOS DETALHES EM RELAÇÃO À FIGURA (TAMANHO)	
POSIÇÃO (FRENTE, PERFIL, CONFUSA)	
TRATAMENTO ESPECIAL A ALGUMA PARTE	
DESENHO DOS GENITAIS	
POSTURA (ERETA, INCLINADA A DIREITA, INCLINADA A ESQUERDA, DEITADA)	
FIGURA (MAIS JOVEM, MAIS VELHA, IDADE APROXIMADA, FIGURA PALITO, OUTROS)	
ACESSÓRIOS	
MOVIMENTO	
OUTROS	

D - 2ª PESSOA

CATEGORIAS	INDICADORES
GÊNERO	
DETALHES (ESSENCIAIS, EXCESSIVOS, NÃO ESSENCIAIS, IRRELEVANTES, BIZARROS)	
ÊNFASE DO DETALHE	
OMISSÃO DO DETALHE	
PROPORÇÃO DO DETALHE ME RELAÇÃO À FIGURA (TAMANHO)	
POSIÇÃO (FRENTE, PERFIL, CONFUSA)	
TRATAMENTO ESPECIAL A ALGUMA PARTE	
DESENHO DOS GENITAIS	
POSTURA (ERETA, INCLINADA A DIREITA, INCLINADA A ESQUERDA, DEITADA)	
FIGURA (MAIS JOVEM, MAIS VELHA, IDADE APROXIMADA, FIGURA PALITO, OUTROS)	
ACESSÓRIOS	
MOVIMENTO	
OUTROS	

ANEXO 5 - CATEGORIAS DE INDICADORES DE AUTO-ESTIMA NO H-T-P

Nome: _____ Série: _____ No. Protocolo: _____
 Data Nascimento: _____ Idade: _____ Data: _____
 Avaliador: _____

CONSTELAÇÕES

MARCAR UM PONTO POSITIVO SE PRESENTE	MARCAR UM PONTO NEGATIVO SE PRESENTE
AUTO-ESTIMA ELEVADA	AUTO-ESTIMA REBAIXADA
<input type="checkbox"/> TAMANHO DAS FIGURAS (MÉDIO 1/3 A 2/3 DA FOLHA)	<input type="checkbox"/> TAMANHO PEQUENO DAS FIGURAS
<input type="checkbox"/> LOCALIZAÇÃO DO DESENHO A DIREITA DA FOLHA	<input type="checkbox"/> LOCALIZAÇÃO DO DESENHO A ESQUERDA DA FOLHA OU NA PARTE INFERIOR
<input type="checkbox"/> DETALHES ESSENCIAIS EM TODOS OS DESENHOS	<input type="checkbox"/> DETALHES IRRELEVANTES (ARBUSTOS EXCESSIVOS, PÁSSAROS, ANIMAL DE ESTIMAÇÃO)
<input type="checkbox"/> QUALIDADE DA LINHA: MÉDIA (LÁPIS No. 2)	<input type="checkbox"/> QUALIDADE DA LINHA (LEVE) EM TODO DESENHO
<input type="checkbox"/> PROPORÇÃO ADEQUADA DA PORTA	<input type="checkbox"/> PORTA PEQUENA
<input type="checkbox"/> RAÍZES ESBOÇADAS OU REPRESENTADAS SEM MUITA ÊNFASE	<input type="checkbox"/> RAÍZES OMITIDAS (COMO SE O TRONCO ESTIVESSE CORTADO, INACABADO)
<input type="checkbox"/> TRONCO DA ÁRVORE: REGULAR	<input type="checkbox"/> TRONCO DA ÁRVORE: LONGO
<input type="checkbox"/> PROPORÇÃO ADEQUADA DA CABEÇA	<input type="checkbox"/> CABEÇA PEQUENA
<input type="checkbox"/> BRAÇOS E MÃOS PRESENTES E ADEQUADOS AO TAMANHO DO DESENHO	<input type="checkbox"/> BRAÇOS OU MÃOS OMITIDOS OU MUITO PEQUENOS
<input type="checkbox"/> PROPORÇÃO ADEQUADO DAS PERNAS E PÉS	<input type="checkbox"/> PERNAS OU PÉS (OMITIDOS, DIMINUÍDOS, CORTADOS)
<input type="checkbox"/> POSIÇÃO DO CORPO ESTÁVEL	<input type="checkbox"/> POSIÇÃO DO CORPO INSTÁVEL

ANEXO 6 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO*(1ª via)*

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
 UNIDADE ACADÊMICA DA ÁREA DE CIÊNCIAS, HUMANAS E SOCIAIS.
 UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
 TÍTULO DA PESQUISA: A AUTO-ESTIMA NO C.A.T. E H.T.P. ESTUDO DE
 EVIDÊNCIA DE VALIDADE.

Eu,.....Idade.....RG.....
 Endereço.....
 responsável legal por:....., dou meu consentimento
 livre e esclarecido para que ele (a) participe como voluntário (a) da pesquisa supracitado,
 sob a responsabilidade das pesquisadoras Maria de Fátima Xavier da Silva da UAACHS,
 do Mestrado em Psicologia da Universidade São Francisco e da Orientadora Professora
 Dra. Anna Elisa de Villemor Amaral.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

- 1 - O objetivo da pesquisa é fazer um estudo de evidência de validade concorrente entre as categorias de indicadores de auto-estima das técnicas C.A.T. e H.T.P correlacionando-as com um questionário de auto-estima, EMAE- Forma A.
- 2- Durante o estudo serão aplicados a Técnica Projetiva de Desenho da Casa- Árvore-Pessoa (H.T.P), o Teste de Apercepção Infantil (C.A.T.-A) e a Escala Multidimensional da Auto-Estima (EMAE -A);
- 3- Não há riscos conhecidos durante os procedimentos; não traz benefícios e nem prejuízos a criança;
- 4- Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a participação de meu filho (a) na referida pesquisa;
- 5- Estou livre para interromper a qualquer momento a participação de meu filho (a) na pesquisa;
- 6- Os dados pessoais de meu filho (a) serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos por meio da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;
- 7- Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa ou ensaio clínico pelo telefone: 11 -4534-8040 Sr. Edson;
- 8- Poderei entrar em contato com os responsáveis pelo estudo, Professora Dra. Anna Elisa de Villemor Amaral e com a aluna Maria de Fátima Xavier da Silva, sempre que julgar necessário pelo telefone 11- 4534-8046;
- 9- Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

Itatiba, agosto de 2004.

Data:.....

Assinatura do Responsável Legal

Maria de Fátima Xavier da Silva
 Pesquisadora Responsável

ANEXO 6 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO*(2ª via)*

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
 UNIDADE ACADÊMICA DA ÁREA DE CIÊNCIAS, HUMANAS E SOCIAIS.
 UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
 TÍTULO DA PESQUISA: A AUTO-ESTIMA NO C.A.T. E H.T.P. ESTUDO DE
 EVIDÊNCIA DE VALIDADE.

Eu,.....Idade.....RG.....
 Endereço.....
 responsável legal por:....., dou meu consentimento
 livre e esclarecido para que ele (a) participe como voluntário (a) da pesquisa supracitado,
 sob a responsabilidade das pesquisadoras Maria de Fátima Xavier da Silva da UAACHS,
 do Mestrado em Psicologia da Universidade São Francisco e da Orientadora Professora
 Dra. Anna Elisa de Villemor Amaral.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

- 1 - O objetivo da pesquisa é fazer um estudo de evidência de validade concorrente entre as categorias de indicadores de auto-estima das técnicas C.A.T. e H.T.P correlacionando-as com um questionário de auto-estima, EMAE- Forma A.
- 2- Durante o estudo serão aplicados a Técnica Projetiva de Desenho da Casa- Árvore-Pessoa (H.T.P), o Teste de Apercepção Infantil (C.A.T.-A) e a Escala Multidimensional da Auto-Estima (EMAE -A);
- 3- Não há riscos conhecidos durante os procedimentos; não traz benefícios e nem prejuízos a criança;
- 4- Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a participação de meu filho (a) na referida pesquisa;
- 5- Estou livre para interromper a qualquer momento a participação de meu filho (a) na pesquisa;
- 6- Os dados pessoais de meu filho (a) serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos por meio da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;
- 7- Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa ou ensaio clínico pelo telefone: 11 -4534-8040 Sr. Edson;
- 8- Poderei entrar em contato com os responsáveis pelo estudo, Professora Dra. Anna Elisa de Villemor Amaral e com a aluna Maria de Fátima Xavier da Silva, sempre que julgar necessário pelo telefone 11- 4534-8046;
- 9- Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

Itatiba, agosto de 2004.

Data:.....

Assinatura do Responsável Legal

Maria de Fátima Xavier da Silva
 Pesquisadora Responsável

**ANEXO 7 – TERMO DE APROVAÇÃO DA PESQUISA PELO COMITÊ
DE ÉTICA DA INSTITUIÇÃO**



UNIVERSIDADE
SÃO FRANCISCO

Comitê de Ética em Pesquisa – Ciências Humanas e Exatas – USF

Italva, 20 de outubro de 2004.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CHE/USF

Estudo: “A auto-estima no C.A.T. e H.T.P. estudo de evidência de validade”

Autores:

Profa. Dra. Anna Elisa de Villemor Amaral
Maria de Fátima Xavier da Silva


Protocolo nº. CEP/CHE: 263/04

Prezado(a) Prof.(a),

O CEP/CHE em reunião ordinária realizada no dia 20 de outubro de 2004, analisou o projeto supra citado, desenvolvido por V. S^ª. Este Comitê, acatando o parecer do relator indicado, apresenta-lhe o seguinte parecer:

Parecer: Aprovado

Atenciosamente,


Prof. Dr. Sérgio de Mendonça
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa
Área de Ciências Humanas e Exatas
Universidade São Francisco

ERROR: syntaxerror
OFFENDING COMMAND: --nostringval--

STACK:

/Title
(
/Subject
(D:20060918154342)
/ModDate
(
/Keywords
(PDFCreator Version 0.8.0)
/Creator
(D:20060918154342)
/CreationDate
(RoseliPolecci)
/Author
-mark-